

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sílvia Maria Ribeiro Teixeira

**A Reciclagem e as Artes Visuais na Educação
Pré-Escolar**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sílvia Maria Ribeiro Teixeira

A Reciclagem e as Artes Visuais na Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Sandra Susana Pires Silva Palhares

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada. Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Com o terminar desta jornada, que tanto enriqueceu o meu ser, tanto a nível pessoal como profissional, não poderia deixar de agradecer àqueles que me acompanharam nesta fase crucial da minha vida, às pessoas que me apoiaram, que me incentivaram a continuar apesar das dificuldades, às pessoas que me transmitiram toda a sua sabedoria e que deram, de certo modo a sua contribuição para a realização deste trabalho.

Expresso o meu mais profundo agradecimento a todas as crianças com quem eu tive a oportunidade de me relacionar no decorrer desta etapa, pois sem elas nada disto seria possível. São elas que me motivaram, receberam-me e acarinharam durante a minha estadia em contexto de estágio.

À minha família, principalmente ao meu pai e à minha mãe, que sempre me apoiou e me transmitiu que com estudos e educação podemos ser quem quisermos. A esses dois pilares que sempre deram tudo para que eu estivesse aqui, hoje, a terminar esta etapa da minha vida.

Aos professores que, de alguma forma, contribuíram com o seu saber e sabedoria, porque muito daquilo que sei se deve a eles.

À minha orientadora, professora doutora Sandra Palhares que fez parte também da minha educação nesta última etapa, através das suas orientações deu-me oportunidade de concluir este trabalho e apresentá-lo, hoje, da melhor maneira possível.

A todos aqueles que me acompanharam, seja de longe ou de perto, que me ouviram, que me ajudaram, que me aconselharam, que me confortaram nos momentos difíceis e que hoje estão aqui para me acompanharem neste momento de alegria.

A todos, um enorme obrigado por fazerem parte da minha vida.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A reciclagem e as Artes Visuais na Educação Pré-Escolar

Resumo

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular Estágio: Módulo de Intervenção Pedagógica II (IP II), do plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e visa apresentar o Projeto de Intervenção Pedagógico realizado em contexto de jardim de infância.

Este projeto foi promovido num grupo de crianças com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos e é intitulado de “A reciclagem e as Artes Visuais na Educação Pré-Escolar”.

No desenrolar deste relatório serão abordadas as várias etapas relativas à construção do projeto, começando pelas observações iniciais, em que se pôde notar o interesse e o prazer demonstrado pelas crianças aquando a utilização e a exploração de materiais, técnicas e instrumentos característicos das artes visuais. Junta-se a este prazer pelas artes visuais a problemática do ambiente e da necessidade de uma educação sustentável visto que o contexto onde se realizou o projeto, está inserido num concelho da cidade do Porto (Maia) reconhecido pela sua ajuda e intervenção realizada de forma a melhorar o ambiente e a educar para a sustentabilidade.

Será apresentado o contexto de estágio onde me inseri, a instituição e toda a comunidade integrante da mesma, bem como num sentido mais pormenorizado, o grupo de crianças com quem desenvolvi este projeto.

Neste relatório estará ainda apresentada a metodologia sob a qual orientei a minha ação, toda a pesquisa e reflexão efetuadas no decorrer do projeto e as devidas avaliações, tanto da globalidade do projeto como das propostas de atividades apresentadas.

Por fim, serão apresentadas as minhas reflexões sobre todo o processo, abordando as limitações e dificuldades sentidas e toda as oportunidades de aprendizagem e de crescimento, quer pessoal, quer profissional.

Palavras-chave: Artes Visuais; Ambiente; Educação Sustentável; Reciclagem

Recycling and the Visual Arts in pre-school education

Abstract

This report was developed within the scope of the course: Pedagogical Intervention Module II (IP II), from the syllabus of the Master in Pre-School Education and aims to present the Pedagogical Intervention Project carried out in a kindergarten context.

This project was promoted in a group of children between the ages of 4 and 5 and is entitled "Recycling and the Visual Arts in pre-school education".

During this report, the various stages related to the construction of the project will be discussed, beginning with the initial observations, in which the interest and pleasure shown by the children in the use and exploration of materials, techniques and instruments characteristic of the visual arts could be noted. This pleasure for the visual arts is added to the problematic of the environment and the need for a sustainable education, since the context in which the project was carried out is part of a municipality in the city of Porto (Maia), recognized for its help and intervention, to improve the environment and to educate for sustainability.

It will be presented the context of the internship where I entered, the institution and the entire community, as well as in a more detailed sense, the group of children with whom I developed this project.

This report will also present the methodology under which I guided my action, all the research and reflection carried out during the project and the appropriate evaluations of both the overall project and the proposed activities.

Finally, my reflections on the whole process will be presented, addressing the limitations and difficulties experienced and all opportunities for learning and growth, both personal and professional.

Key-Words: Environment; Recycling; Sustainable Education; Visual Arts

Índice Geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice de Figuras.....	ix
Lista de abreviaturas e siglas.....	xi
Introdução.....	12
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	14
1. As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar.....	14
1.1 Educação Artística.....	14
1.2. As Artes Visuais nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.....	17
1.3 As artes visuais no desenvolvimento das crianças.....	19
1.4 Contributo das Artes Visuais para o desenvolvimento de uma educação sustentável.....	20
CAPÍTULO II – CONTEXTO DE INTERVENÇÃO.....	24
2. Caraterização do Contexto de Intervenção Pedagógico.....	24
2.1. Caraterização da instituição.....	24
2.2. Caraterização do grupo de crianças.....	25
2.3. Organização do espaço pedagógico.....	26
2.4. Organização do tempo pedagógico.....	27
CAPÍTULO III – PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICO.....	29
3. Plano geral e desenvolvimento da intervenção pedagógica.....	29
3.1. Metodologia de investigação.....	29
3.2. Instrumentos de recolha de informação para a avaliação do Projeto de intervenção.....	30
3.3. Justificação e objetivos do Projeto de Intervenção.....	31
3.4. Estratégias de intervenção.....	33
3.5. Descrição e análise das intervenções no âmbito do Projeto Pedagógico.....	33

3.5.1. “O meu ecoponto! Desenho, corte e colagem de ecopontos	34
3.5.2. “Construção dos Ecopontos da Sala ABC”	37
3.5.3. “Cartaz – trata do lixo antes que o lixo trate de nós”	46
3.5.4. “jogo – os melhores amigos do ambiente”	50
3.6. Reflexão e Avaliação do Projeto de intervenção.....	55
Considerações finais.....	59
Referências bibliográficas	61
Legislação consultada:.....	63
Anexos	64
Anexo 1	65
Anexo 2.....	66

Índice de Figuras

Figura 1: Exemplos da produção de um embalão.....	35
Figura 2: Produção de vários ecopontos.....	35
Figura 3: Produção do embalão.....	36
Figura 4: Produção de três ecopontos.....	36
Figura 5: Pintura dos ecopontos.....	39
Figura 6: Pintura do embalão.....	39
Figura 7: Finalização da pintura do papelão.....	40
Figura 8: Trabalho de pintura do embalão.....	40
Figura 9: Embalão com recortes de materiais feitos de plástico/metal.....	42
Figura 10: Colagem de imagens de materiais de papel.....	42
Figura 11: Papelão com imagens de materiais de papel e cartão.....	42
Figura 12: Término do ecoponto amarelo.....	45
Figura 13: Término do papelão.....	45
Figura 14: Palavras em manuscrito do papelão.....	45
Figura 15: Palavras do embalão.....	45
Figura 16: Desenho e pintura dos ecopontos.....	49
Figura 17: Elaboração dos planetas (sujo e limpo).....	49
Figura 18: Recorte das imagens dos materiais que os ecopontos “comem”.....	49
Figura 19: Escrita do nome dos ecopontos e da frase “trata do lixo antes que o lixo trate de nós”.....	50
Figura 20: Escrita do nome dos ecopontos e da frase “trata do lixo antes que o lixo trate de nós”.....	50
Figura 21: Cartaz “trata do lixo antes que o lixo trate de nós”.....	50
Figura 22: Medalhas incompletas “melhores amigos do ambiente”.....	52
Figura 23: Carimbagem das medalhadas com o dedo indicador.....	54

Figura 24: As crianças mostram as suas medalhas no fim do jogo.....	54
Figura 25: Esquema da planta da sala ABC.....	65
Figura 26: Momentos da rotina.....	66

Lista de abreviaturas e siglas

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

ELI - Equipa Local de Intervenção

T.I.C – Tecnologia de Informação e Comunicação

KDI – Key Developmental Indicators

Introdução

O Relatório de estágio que se segue, surge no âmbito da avaliação da Unidade Curricular Estágio: Módulo de Intervenção Pedagógica II, inserida no plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e, tem por base o desenvolvimento e avaliação do Projeto de Intervenção Pedagógico desenvolvido em contexto de jardim-de-infância numa instituição localizada na Maia.

O projeto intitulado de “A reciclagem e as Artes Visuais na educação pré-escolar” teve em vista a resposta a um conjunto observações iniciais, no qual ficou implícito o interesse e prazer demonstrado pelas crianças em realizarem as propostas da educadora que subentendiam a utilização dos materiais e instrumentos característicos das Artes Visuais, bem como de explorarem e brincarem regularmente na área das expressões plásticas. Este tema trabalha as artes visuais ainda devido ao facto de esta ser a área de especialização da docente supervisora que me orientou o que serviu de base para um melhor trabalho.

Para além de constatar o grande fascínio que este tipo de atividades exercia sobre as crianças, a intencionalidade pedagógica centrou-se no desenvolvimento da Educação Artística a partir de uma perspetiva do desenvolvimento de uma educação sustentável. Nesse sentido, uma das estratégias utilizadas foi a promoção de atividades baseadas na reutilização e reciclagem.

Perante as circunstâncias descritas, o projeto apresentado teve com principal objetivo um conjunto de atividades relacionadas com as Artes Visuais e a reciclagem visando assim promover a sensibilidade estética e a criatividade em conjunto com a sensibilização das questões ambientais e da necessidade da reciclagem.

O ambiente é um dos temas mais urgentes na contemporaneidade, visto que o nosso planeta se encontra em constante mudança, alterações climáticas frequentes devido ao aquecimento global e ao esgotamento de recursos. Neste panorama é importante desenvolver um sentimento de preservação ambiental desde cedo e, pode-se afirmar que as Artes Visuais podem contribuir de forma decisiva, nomeadamente, na reutilização do desperdício, tornando as pessoas mais conscientes das questões ambientais através de processos criativos.

Segundo as Orientações Curriculares o papel da Educação Artística no desenvolvimento da criatividade, sentido estético e apreciação de diferentes manifestações artísticas e culturais implica uma íntima ligação com as áreas de Formação Pessoal e Social e do Conhecimento Mundo, contribuindo,

nomeadamente para a construção da identidade pessoal, social e cultural; para o conhecimento do património cultural e para a sensibilização à sua preservação (p.48).

A área do Conhecimento do Mundo implica também o desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura, evidenciando-se assim a sua inter-relação com a área de Formação Pessoal e Social. As crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais. Nestas suas explorações, vão percebendo a interdependência entre as pessoas e entre estas e o ambiente. Assim, vão compreendendo a sua posição e papel no mundo e como as suas ações podem provocar mudanças neste. Uma abordagem, contextualizada e desafiadora ao Conhecimento do Mundo, vai facilitar o desenvolvimento de atitudes que promovem a responsabilidade partilhada e a consciência ambiental e de sustentabilidade. Promovem-se assim valores, atitudes e comportamentos face ao ambiente que conduzem ao exercício de uma cidadania consciente face aos efeitos da atividade humana sobre o património natural, cultural e paisagístico. (p.85)

No que diz respeito à organização deste relatório, o mesmo está estruturado e organizado em três capítulos com conteúdos específicos e, por isso indispensáveis ao entendimento do Projeto de Intervenção.

O primeiro diz respeito ao enquadramento teórico subdividido em dois tópicos, sendo que o primeiro incide no entendimento da importância das Artes na Educação Pré-Escolar e o segundo nos contributos eminentes das Artes Visuais para a educação ambiental.

Relativamente ao segundo capítulo, este apresenta e caracteriza o contexto de intervenção pedagógico e, por isso irão ser abordados aspetos pertencentes à caracterização da instituição e ao grupo de crianças, bem como a organização do espaço e do tempo pedagógico.

Em seguida apresenta-se o terceiro capítulo, referente ao Projeto de Intervenção Pedagógico desenvolvido.

Ao terminar o relatório de estágio complemento com as considerações finais que visam a realização de um balanço final de todo o projeto desenvolvido.

E, no sentido de crescimento a nível pessoal, formativo e profissional, realiza-se uma reflexão sobre as aprendizagens realizadas durante o percurso de estágio.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar

De forma a dar a conhecer a importância das Artes na Educação Pré-Escolar, é necessário realizar um breve retorno ao passado, que possibilitará a compreensão da evolução e do caminho feito até à atualidade.

De igual modo, no âmbito do currículo de Educação Pré-Escolar, serão brevemente abordados diversos documentos legislativos e orientadores nacionais, que explicam a relevância e desenvolvimento da Educação Artística, ao longo dos últimos anos em Portugal.

E, ainda, serão aprofundados alguns temas como o lugar das Artes Visuais nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), o impacto das Artes Visuais na aprendizagem e desenvolvimento da criança, bem como será explorado num sentido mais lato o contributo das Artes Visuais para a educação ambiental.

1.1 Educação Artística

Education Through Art, obra publicada por Herbert Read em 1943 resgata a ideia de Platão que dizia que a Arte deveria ser o suporte de toda a educação, fundamentando esta teoria em grandes pedagogos, como Rousseau, Froebel, entre outros teóricos.

Nasce assim mais uma estratégia educativa que, articulada com outras metodologias, compreende a todas as dimensões do desenvolvimento humano, tendo em vista a educação da criança para a vida, inculcando-lhe valores como a sensibilidade estética e a importância da criatividade, relacionados intrinsecamente com o mundo afetivo e social da criança.

Nesse sentido, parte-se do princípio que o objetivo geral da educação é o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence. (Read, 1982, p.21)

Calvet de Magalhães pedagogo português, influenciado por Read transmite a ideia de que “considera-se que a arte não é luxo, mas necessidade fundamental do homem e por esse facto da maior importância para o seu desenvolvimento (1960, p. 7).

Assim como Eisner, que defende que “las artes tienen un papel importante que desempeñar en el refinamiento de nuestro sistema sensorial y en el cultivo de nuestra capacidad de imaginación” (2004, p. 21).

Mais recentemente, Fróis transmite-nos “Uma das finalidades das Artes Visuais é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos” (Fróis, 2000), pois esta é uma parte essencial na educação da criança, desenvolvendo as suas capacidades cognitivas, afetivas e expressivas.

Apesar do que este autor diz, Fróis admite ainda que, “As artes podem ser objeto de interesse ao longo da vida escolar, com implicações futuras na vida adulta. Esta constatação, que parece ser amplamente aceite, tem sido, porém, praticada com dificuldade. [...] Eis o grande desafio para a Educação. Encorajar crianças e adultos a compreenderem as Artes Visuais constitui um objetivo global da Educação, com implicações noutras áreas” (2000, p. 201).

Segundo o ponto de vista de Bourriaud (2009) declara-se que “a arte é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo” (p. 147).

Isto é, a arte é uma forma de representação da nossa realidade, refletindo a ideia que temos de nós próprios no mundo, proporcionando uma maior nitidez no que diz respeito ao reconhecimento da nossa identidade e do comportamento. Essa representação pode dar lugar a uma reflexão sobre a própria vida, ajudando o ser humano a perceber o seu presente e de que forma pode agir diferente de modo a criar um melhor futuro, “também conscientiza os homens de sua união uns com os outros na origem e no destino” (Dewey, 2010, p. 62).

Em Portugal, em meados do ano 1965, foi fundada a Associação Portuguesa de Educação pela Arte, por João dos Santos, Calvet de Magalhães, Alice Gomes, Almada Negreiros, entre outros, baseando-se nos ideais de Herbert Read (Lopes, 2015). Esta associação, tendo na sua base os princípios de Read, criou um conceito de educação que defende uma formação do ser humano integral, ou seja, desenvolver a sua personalidade, o seu carácter, a sua imaginação através da sua própria realidade.

Esta associação começa também a questionar o que é educação e o que é o ensino distinguindo estes dois conceitos, sendo que o primeiro baseia-se na transmissão de saberes e aprendizagens de conhecimentos e a segunda define-se por uma mera memorização do conteúdo imposto á criança.

O trabalho destas pessoas é feito no sentido de mostrar o potencial da arte na educação, demonstrando que a arte pode ser usada para estimular as aprendizagens das crianças dando-lhes mais criatividade, mais liberdade e diversão no decorrer da sua educação.

Certamente, a criação desta associação juntamente com uma panóplia de outros eventos, contribuiu para a evolução da educação artística em Portugal.

A oficialização da Educação Artística acontece em 1986, no âmbito nacional, com da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro), sendo princípio organizativo na integração curricular do desenvolvimento de valores estéticos, o artigo 3.º alínea b), Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico; Neste documento, estabeleceu-se a organização do sistema educativo que compreenderiam a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extraescolar. E, nomeadamente, no disposto artigo 5.º, alínea f), é declarado o seguinte objetivo da Educação Pré-escolar, “Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica;”

Tendo em conta que a Educação Pré-escolar é considerada “a primeira etapa da Educação Básica no processo de educação ao longo da vida” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), é, por isso, determinante que este tempo seja repleto de aprendizagens e vivências importantes para as crianças e, tais aprendizagens devem compreender as experiências que tem haver com a arte.

No decorrer desta lei foi elaborado no mesmo ano, 1997, um documento onde referenciais orientadores da educação pré-escolar estão presentes de forma a guiar todos os educadores na execução do seu trabalho. Tal documento é intitulado de Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e tem vindo a sofrer melhorias com o passar dos anos havendo neste momento uma versão mais recente do ano 2016.

Nas orientações curriculares de 1997 estão referidas domínio das Expressões, as expressões plásticas, atualmente chamadas de artes visuais. O documento introduz as expressões dizendo que “numa idade em que as crianças ainda se servem muitas vezes do imaginário para superar lacunas de compreensão do real, importa que a educação pré-escolar proporcione situações de distinção entre o real e o imaginário e forneça suportes que permitam desenvolver a imaginação criadora como procura e descoberta de soluções e exploração de diferentes “mundos”.” (p.56) aprofunda seguidamente as

expressões plásticas dizendo que “o contacto com a pintura, a escultura, etc. constituem momentos privilegiados de acesso á arte e á cultura que se traduzem por um enriquecimento da criança, ampliando o seu conhecimento do mundo e desenvolvendo o sentido estético.” (p.63)

Na revisão de 2016 é instituído o subdomínio da educação artística dizendo com maior detalhe “Este domínio proporciona ainda oportunidades de desenvolvimento da curiosidade, da expressão verbal e não verbal, de resolução de problemas, etc., que facilitam a sua articulação com essas áreas e também com os outros domínios incluídos na área de Expressão e Comunicação.

Por sua vez, as técnicas e instrumentos próprios deste domínio podem ser mobilizados noutras áreas e domínios. O desenvolvimento da criatividade e do sentido estético e o contacto com diferentes formas de cultura não fazem apenas parte deste domínio, mas deverão estar presentes em todo o desenvolvimento do currículo, passando, também, pela organização do ambiente educativo, nomeadamente, no que diz respeito ao que é exposto na sala (trabalhos individuais e coletivos das crianças, instrumentos pedagógicos do grupo, informações aos pais/famílias, obras de arte, etc.).” (p.48)

A abordagem à Educação Artística envolve o desenvolvimento articulado de estratégias que permitam à criança: apropriar-se progressivamente de diferentes técnicas e conhecimentos, através da exploração, experimentação e observação, utilizando-as de modo intencional nas suas produções; ensaiar formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar. contactar com obras de outros (colegas, artistas), de modo a desenvolver a capacidade de observação, interpretação e reflexão, comunicando os seus sentimentos pessoais e visão crítica, de modo a compreender a possibilidade de múltiplas leituras. (p.48)

Sintetizando, entende-se que o conceito de Educação Artística, tem vindo a desenvolver-se ao longo dos anos, trabalhando e divulgando esta ideia de que a criança se desenvolve integralmente. Fortalecendo-se, assim, o quão importante é a preparação de cada criança para o futuro de forma a que sejam peças integrantes de uma sociedade criativa que cada vez mais nos coloca obstáculos aos quais terem de ultrapassar da melhor forma resolvendo os nossos problemas com criatividade.

1.2. As Artes Visuais nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Tal como foi dito anteriormente, as OCEPE de 1997 abordavam o contributo das artes visuais na educação. A nova revisão das OCEPE atualiza esta área de conhecimento, passando a designar o subdomínio das artes visuais em consonância com as designações mais frequentes com a arte que se produz no nosso tempo.

Segundo as orientações curriculares para a educação pré-escolar de 2016 “O papel da educação artística no desenvolvimento da criatividade, sentido estético e apreciação de diferentes manifestações artísticas e culturais implica uma íntima ligação com as áreas de Formação Pessoal e Social e do Conhecimento Mundo, contribuindo, nomeadamente: para a construção da identidade pessoal, social e cultural; para o conhecimento do património cultural e para a sensibilização à sua preservação; para o reconhecimento e respeito pela diversidade cultural.” (p.48)

Existe, no entanto, alguma falta de tempo para apreciar e desfrutar a arte. As OCEPE transmitem-nos que “é fundamental que [...], as crianças tenham oportunidade de apreciar, e de dialogar sobre aquilo que fazem (as suas produções e as das outras crianças) e o que observam (natureza, obras de arte, arquitetura, design, artefactos, etc.)” (Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 49), no entanto alguns educadores por diversas razões descoram esta parte prática das artes visuais.

A criança deve ser vista como um sujeito criativo, que é influenciado pela cultura, que deve desfrutar e aprender com o património artístico que tem à sua disposição. Como se pode ler nas OCEPE, a criança ao falar sobre o que vê, ao interpretar aquilo que se lhe apresenta “enriquece o seu imaginário, aprende novos saberes, integra-os nos que já sabe, e experimenta criar novas imagens, desenvolvendo progressivamente a sua sensibilidade estética e expressividade através de diversas modalidades (desenho, pintura, colagens, técnica mista, assemblage, land art, modelagem, entre outras)” (p. 49).

Tendo a criança esta capacidade de criar e apreciar arte, esta aptidão vê-se alargada através da observação, o contacto com várias modalidades de artes visuais e sendo assim temos a oportunidade de desenvolver tal capacidade com visitas a museus, galerias, apreciando monumentos e vários locais de cultura. “A capacidade de criar e apreciar é ainda alargada através do contacto e observação de diferentes modalidades das artes visuais [...], em diferentes contextos [...] permitindo à criança a inserção na cultura do mundo a que pertence” (Silva et al., 2016, p. 50). No caso de não ser possível efetuar este tipo de atividades podemos recorrer a outros recursos como os livros, fotografias, vídeos e a internet (Silva, et al., 2016).

Posto isto, é fundamental, equipar os jardins de infância, com “imagens de obras de arte [...] de modo a que sejam um meio de alargamento e enriquecimento cultural e de desenvolvimento da apreciação crítica” (Silva et al., 2016, p.50) e, ainda, enriquecer os educadores com ferramentas educativas indispensáveis para que se sintam capazes de desfrutar das obras de arte de forma a que também eles se deixem tocar pelas obras de arte desenvolvendo-se, ainda mais, cognitivamente e afetivamente.

1.3 As artes visuais no desenvolvimento das crianças

Parte importante do processo educativo exige que o educador dê oportunidades variadas às crianças com recurso às Artes Visuais, deste modo pode “desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas”, a “reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa” (Silva, et all., 2016, p. 50).

O documento “10 Lessons the Arts Teach” (NAEA, 2017), mostra-nos que existe um combinado de contribuições das Artes Visuais para o desenvolvimento da criança, que serão enunciados em seguida:

- I) as Artes auxiliam as crianças a realizarem apreciações sobre relações qualitativas;
- II) as Artes ajudam as crianças a compreenderem que os problemas podem ter mais que uma solução e, por isso uma questão pode ter mais que uma resposta;
- III) as Artes celebram múltiplas perspetivas, sendo a sua maior lição o facto de existirem várias formas de ver e interpretar o mundo;
- IV) aprender através das Artes requer habilidade e uma disposição para se surpreender com o inesperado no desenvolvimento do processo criativo;
- V) as Artes tornam autêntico o que as palavras e os números podem limitar no que sabemos;
- VI) as Artes demonstram que pequenas diferenças podem ter grandes efeitos;
- VII) as Artes ajudam as crianças a pensar através e com os materiais. Todas as formas de arte empregam de alguma forma imagens que se tornam reais;
- VIII) as Artes ajudam as crianças exprimir-se, nomeadamente quando têm a oportunidade de divulgar as suas próprias criações;
- IX) as Artes permitem que as crianças experienciem, e através desta estas descobrem que são capazes de Sentir de várias formas;
- X) a organização das Artes no currículo simboliza para as crianças o que os adultos acreditam que é importante.

Eisner no seu artigo intitulado “O que pode a Educação aprender das Artes sobre a prática da Educação?” (2008) discrimina cinco lições sobre o que pode a educação aprender das artes, lições essas importantes para o desenvolvimento integral da criança.

A primeira afirma que “as artes ensinam os alunos a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas” (Eisner E. E., 2008, p. 10).

A segunda lição diz respeito à criação de objetivos. Afirmando que “alguém pode agir e a ação, em si, pode sugerir fins, os quais não precederam, mas seguiram a ação” (Eisner E. E., 2008, p. 11).

A terceira lição mostra-nos que forma e conteúdo estão quase sempre interrelacionadas. Referindo que “a forma como uma coisa é dita é parte e parcela do que é dito. A mensagem está na relação forma-conteúdo, uma relação que é mais vivida nas artes” (Eisner E. E., 2008, p. 11).

A quarta lição diz respeito a relação forma-conteúdo e o que significa. Diz que as artes ensinam que “nem tudo o que concebível pode ser articulado de forma proposicional. Os limites do nosso conhecimento não são definidos pelos limites da nossa linguagem” (Eisner E. E., 2008, p. 12).

A última lição fala-nos de como se relaciona o pensamento e o material que é fornecido para trabalhar exemplificando com esta situação “a flauta torna possíveis algumas qualidades que o violino baixo nunca vai produzir, e vice-versa. [...] A tarefa do artista é explorar as possibilidades do meio, de forma a concretizar objetivos que ele ou ela valorizam” (Eisner E. E., 2008, p. 13).

Eisner afirma que promover este tipo de pensamento possibilita a criança um melhor conhecimento de si própria tornando-se ela mesma a construtora do seu futuro “a educação é o processo de aprender a tornar-se arquiteto da nossa própria educação” (Eisner E. E., 2008, p. 14)

1.4 Contributo das Artes Visuais para o desenvolvimento de uma educação sustentável

Tal como nos transmite Roldão (1995, p.18) “Educar significa exatamente alargar os horizontes, expandir os conhecimentos e experiências de que as crianças são portadoras ao chegarem à escola. Tal propósito pressupõe que se proporcione aos alunos o contacto com realidades e situações que saiam dos estritos limites do seu meio local, do que podem ver e experienciar diretamente.”

No seguimento deste pensamento, Alves (1998) diz-nos que “a educação é um processo que desenvolve as faculdades psíquicas e intelectuais dos sujeitos, promovendo a sua formação geral e integral, de modo a tornarem-se cidadãos ativos e conscientes daquilo que os envolve.

A Educação Ambiental é também abordada pela UNESCO, em 1998, destacando-se na Declaração Mundial sobre Educação para Todos a importância da satisfação das necessidades básicas de aprendizagem e caracterizando a educação como sendo um direito generalizado a todos os indivíduos,

independentemente das idades ou do género e que lhes permite, através do contacto com o real, progredirem tanto a nível pessoal, como social, acompanhando, assim, a constante evolução da sociedade.

Se o que nos envolve hoje em dia são alterações climáticas devido ao aquecimento global, que se traduzem em temperaturas com amplitudes cada vez maiores e estados de tempo cada vez mais inconstantes, com uma maior frequência de catástrofes naturais e um menor número de espaços limpos, espaços naturais sem qualquer intervenção por parte do ser humano, penso que é fulcral criar oportunidades de reflexão sobre estes mesmos temas, a degradação dos recursos ambientais, as alterações climáticas, os direitos humanos.

Isto pressupõe uma educação para o desenvolvimento sustentável “entendida como um procedimento de formação contínua onde os conhecimentos adquiridos permitem que os indivíduos participem, de modo a contribuir para a resolução de diversos problemas no sentido de preservar a qualidade ambiental” (Almeida, 2002).

O conceito de Educação para o Desenvolvimento Sustentável está muito associado à educação ambiental isto porque a educação é transversal a tudo. Ora, hoje é muito importante integrar a dimensão social e a dimensão de cidadania no conceito de Educação Ambiental.

Prova dessa inter-relação é o documento das Orientações Curriculares para o Pré-escolar (Silva et al., 2016) que nos diz, na área do Conhecimento do Mundo, mais propriamente na componente referente ao Conhecimento do Mundo Físico e Natural, que valoriza o contacto das crianças com a natureza, como forma de promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância da preservação do ambiente e dos recursos naturais. (p.90).

Para além disso, na área da expressão e comunicação, nomeadamente o domínio da educação artística afirma que “O papel da educação artística no desenvolvimento da criatividade, sentido estético e apreciação de diferentes manifestações artísticas e culturais implica uma íntima ligação com as áreas de Formação Pessoal e Social e do Conhecimento Mundo, contribuindo, nomeadamente: para a construção da identidade pessoal, social e cultural; para o conhecimento do património cultural e para a sensibilização à sua preservação; para o reconhecimento e respeito pela diversidade cultural.” (p.48)

Também a ONU (Organização das Nações Unidas) tem em vista um planeta mais sustentável e, por isso, criou os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de forma a melhorar o ambiente. Como por exemplo no objetivo 13 que diz respeito ao combate às alterações climáticas diz-nos “Melhorar a

educação, aumentar a consciencialização e a capacidade humana e institucional sobre medidas de mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce no que respeita às alterações climáticas”. Também no objetivo 12 correspondente a produção e consumo sustentáveis diz que é necessário “reduzir substancialmente a geração de resíduos por meio da prevenção, redução, reciclagem e reutilização” e ainda “garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e consciencialização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza”.

Uma educação sustentável tem por base consciencializar e mostrar como é importante o contacto com a natureza, o que esta nos pode oferecer. A escola desempenha um papel importante, porque é o lugar onde as crianças têm acesso a um discurso diferente e enriquecedor. Os novos saberes podem entusiasmar alunos, funcionários e professores e levá-los a empenharem-se nas questões da sustentabilidade. Para tal é necessário que todos saibam o que é a sustentabilidade hoje. Assim, se as crianças produzirem elas próprias esse conhecimento através do que se chama a ciência participativa, integram-no de uma forma mais ampla e transversal, porque, ao fazê-lo, estão também a aprender.

Esta mesma prática de aprender fazendo, participando no desenvolvimento de uma educação sustentável começa ela própria nas escolas, cuidando dos espaços escolares, aproveitando água, criando jogos através da reutilização de materiais.

Articulando esta temática com as artes visuais, que nos sensibilizam para o mundo interior, estimulam a nossa criatividade e imaginação, penso haver um grande potencial para a criação de novas técnicas, novos objetos, novas criações.

Tal como é dito por Teitelbaum (1978) Educação Ambiental é a ação educativa permanente pela qual a comunidade toma consciência da realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, dos problemas derivados dessas relações e das suas causas profundas. Ela desenvolve mediante uma prática que vincula o educando à comunidade, valores e atitudes que promovem um comportamento dirigido para a transformação superadora dessa realidade, tanto nos seus aspetos naturais como sociais, desenvolvendo no educando as destrezas e aptidões necessárias para essa transformação (p.51).

A arte, neste caso assume-se como meio consciencialização do ser humano para a problemática em causa, a tomada de consciência quanto à importância da valorização e preservação do meio ambiente.

É com este propósito que as autoras Ana Antunes, Fernanda Cravidão e Sara Bahia apresentam vários pontos de interesse na relação entre a Educação Ambiental e as Artes Visuais, através do artigo Contributos para a Educação Ambiental: “O campo das Artes, e da Educação Artística em especial, (...), surge assim como um potencial e interesse mecanismo ao nível do contexto ambiental, nomeadamente na promoção de uma consciencialização ética e ativa do ser humano com o ambiente.” (Antunes et al., 2011; p.357).

É possível, através de abordagens estéticas e criativas, sensibilizar as pessoas para a requalificação de espaços e ecossistemas degradados, demonstrando a importância dos mesmos pelo meio das artes. “A arte e a ecologia representam uma dinâmica relacional favorável na identificação de problemas do ambiente e na restauração de ecossistemas fragilizados. Através de afirmadas obras artísticas, as artes são convertidas em veículos de consciencialização ambiental fazendo despertar modos de vida mais equilibrados e sustentáveis.” (Antunes et al., 2011; p.367)

Em síntese, penso ser importante o papel assumido pelos educadores que ajuda a reflexão crítica sobre os conhecimentos, sobre as interpretações possíveis e que promove espírito de inquérito, o pensamento independente e capacidades de agir recorrendo a processos de pensar e de fazer artísticos para resolver problemas num futuro que desejamos que seja cada vez mais sustentável.

CAPÍTULO II – CONTEXTO DE INTERVENÇÃO

2. Caracterização do Contexto de Intervenção Pedagógico

No seguinte tópico, referente à caracterização do contexto de intervenção pedagógico, dar-se-á a caracterização da instituição, do grupo com o qual foi desenvolvido o Projeto de Intervenção e, serão de igual modo apresentadas a organização do espaço e do tempo pedagógico do mesmo. De salientar que todas estas informações foram adquiridas através da Educadora responsável pelo grupo, de documentos da instituição e das observações realizadas durante a intervenção pedagógica.

2.1. Caracterização da instituição

O contexto de intervenção pedagógico, localizado no concelho da Maia, distrito do Porto, é equiparado a uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), foi fundado em 1986. Este é constituído por uma estrutura que engloba três valências: Creche, Pré-escolar e Centro de Dia. Em termos arquitetónicos, a associação possui um edifício que sofrera ao longo dos anos profundas remodelações e alterações.

A instituição tem 2 pisos, sendo que no piso 0 encontravam-se os gabinetes da direção, a sala de reuniões, uma sala de centro de dia, três salas de Pré-escolar, uma sala de creche, um salão polivalente, duas cozinhas (uma para o centro de dia, outra para o pré-escolar), o refeitório, casas de banho e recreio exterior. O primeiro piso era constituído por casas de banho/fraldário, uma sala de refeições para bebés pequenos, uma sala de berçário e uma de creche.

Como tema do Projeto Pedagógico do Estabelecimento para o Triénio 2018/2021 foi escolhida a temática “brincar, crescer e aprender” que surge da necessidade das crianças “aprenderem a brincar”, respeitando a sua criatividade e iniciativa.

Assim, a instituição pretende fomentar a Expressão e a Comunicação, sendo estas essenciais para o desenvolvimento do espírito crítico, imaginativo e criterioso. A autonomia e o respeito pelo “outro”, apelando à tolerância e à amizade serão alguns dos valores sociais mais presentes na concretização deste projeto.

Considerando a criança como núcleo, a instituição organizou subtemas, de modo a desenvolvê-los durante o triénio 2018/2021: Ano 2018/2019: “brincar, crescer e aprender_ no reino da fantasia”; Ano 2019/2020: “brincar, crescer e aprender_ na educação para a cidadania”; Ano 2020/2021: “brincar, crescer e aprender_ na educação ambiental”; motora- na natureza.

2.2. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças da sala 3, no qual foi realizado o estágio, era constituído por vinte e duas crianças, dez do sexo masculino e doze do sexo feminino, com idades compreendidas entre os quatro e cinco anos de idade. Apenas uma criança já tinha atingido os seis anos.

Poder-se-á afirmar que este grupo se destacava por ser heterogéneo, com crianças em diferentes momentos de desenvolvimento, o que valorizava as interações existentes no grupo, favorecendo variadas ocasiões de aprendizagem. Resumidamente, a equipa de sala integrava uma educadora de infância, uma auxiliar de ação educativa e, para além disso, em alguns dias, a equipa contava com o apoio da Equipa Local de Intervenção (ELI) devido ao facto de existir no grupo dois elementos que terão acompanhamento, devido a problemas comportamentais e episódios de alguma agressividade para com os adultos e pares.

No que diz respeito às características do grupo, este revelou-se ser bastante ativo e curioso, mostrando vontade de aprender. Quanto às relações e interações entre as crianças destaca-se que de uma forma geral estas eram bastante cúmplices e apoiantes, relacionavam-se e brincavam com os seus pares, tendo relações afetivas próximas entre elas.

Apesar de este ser um grupo que se conhece e relaciona com facilidade pode perceber nas primeiras semanas que o grupo tem na sua constituição algumas crianças um pouco “problemáticas” devido a questões destabilizantes no seio familiar dos meninos.

Neste grupo de crianças está integrada uma criança com diagnóstico de Asperger, o que condiciona a questão social desta criança no grupo. Porém, devido ao trabalho feito pela educadora com o grupo e com esta criança desde os 3 anos, o menino é integrado no grupo e nas rotinas de uma forma fácil e feliz, proporcionando um funcionamento da sala mais equilibrado e harmonioso.

Um outro aspeto pouco facilitador no funcionamento da sala prende-se com o facto de a grande maioria das crianças têm um ambiente familiar mais ou menos instável devido a processos de separação e divórcio recentes. Para além destas circunstâncias, grande parte das crianças do grupo passam uma grande parte do dia na instituição devido aos extensos horários laborais dos respetivos pais.

Em resumo, quando a família socializava, a escola podia ocupar-se de ensinar. Agora que a família não cumpre plenamente o seu papel socializador, a escola não só não pode efetuar a sua tarefa específica como o fazia no passado, mas começa a ser objeto de novas solicitações para as quais não está preparada. (citado por Savater F., 1997, p.47)

Por estas razões penso que este grupo necessita de trabalhar a cooperação entre as famílias e a instituição.

Durante o período de estágio, constatou-se que os progenitores tentam compensar a falta de tempo e atenção dispensada aos filhos com outro tipo de compensação bem mais material, influenciando assim o comportamento das crianças, particularmente, ao nível da importância dada a bens mais materiais e em detrimento de outro tipo de valores e sentimentos como o amor.

A variável mais simples e importante na educação de infância é o amor segundo MvClelland, Constantian, Regalado & Stone (1978, citados por Stevens, Hough & Nurss, 2002, p.764).

2.3. Organização do espaço pedagógico

A organização do espaço pedagógico da sala 3 estava de acordo com o Currículo High Scope, com a delimitação de áreas de aprendizagem devidamente identificadas, nas quais se promovia a aprendizagem ativa através de experiências significativas. Tal organização pode ser vista no anexo 1 representado pela planta da sala.

Nesta sala podíamos encontrar as seguintes Áreas de Aprendizagem: Área do Acolhimento destinada para os momentos de conselho, planificação e avaliação em grande grupo; a Área da Casinha caracterizada por ter dois espaços distintos, um referente à cozinha e outro representativo do quarto, estando equipado com mobiliário objetos e materiais característico destes espaços; a Área dos Jogos proporcionava atividades espontâneas e/ou orientadas em pequeno grupo (máximo 4 crianças) equipada com vários jogos de memória, associação, puzzles e de encaixe, que estimulavam a memória e o raciocínio lógico das crianças; a Área de Atividades Plásticas que se destacava pela variedade de materiais e instrumentos disponíveis, permitindo o desenvolvimento da imaginação e possibilidades de criação, esta área estava delimitada para um grupo de 4 crianças, no máximo, brincarem; ainda a Área da Garagem que se destinava à brincadeira com o recurso a uma variedade de veículos, disponível apenas para 2 crianças em simultâneo; a Área das Construções junto à porta de entrada, com um espaço equipado com caixotes repleto de peças de montagem como legos e brinquedos característicos desta área, possibilitando assim a brincadeira livre e ativa das crianças, esta área permitia a brincadeira em simultâneo de 3 crianças; a Área da Biblioteca caracterizada por uma estante com livros variados, que procuravam corresponder às necessidades e interesses das crianças, bem como aos seus diferentes momentos de desenvolvimento podendo ser frequentada por três crianças, esta situava-se entre a área das artes plásticas e a área das tecnologias; a Área das Tecnologias (T.I.C.) equipada com um

computador que permitia a pesquisa e jogos educativos através do acesso á internet, com um limite de duas crianças em simultâneo.

Para as crianças deste grupo penso que deveria haver mais equilíbrio entre a organização da sala e a quantidade de materiais, penso haver uma quantidade de materiais muito elevada, existindo até repetição de vários brinquedos diminuindo assim o espaço disponível que neste caso já é bastante pequeno. A organização da sala e dos materiais penso não estarem adequadas visto que não permite uma livre movimentação das crianças tendo estas que pedir licença para passar acabando assim por interromper o trabalho dos restantes colegas, porem a educadora consegue visualizar toda a sala a partir de qualquer lugar não havendo qualquer tipo de estrutura alta que impeça a sua ampla visão.

Segundo Yawkey, Melizzi e Jones “a primeira coisa a ter em consideração no espaço não é a quantidade, mas sim a delineação e flexibilidade do espaço disponível. O espaço deve ser delineado de modo a que as crianças tenham lugares para brincar individualmente e em grupos sociais (1982, in Dempsey J. e Frost J., 2002, p.691).

Isto porque “Tanto as características físicas como as interpessoais das salas de atividades dos jardins de infância podem influenciar o modo e a intensidade com que as crianças interagem e estabelecem relações com os pares”. (Ladd G. e Coleman C., 2002, p.144).

Howes e Rubenstein (1981, in Ladd G. e Coleman C., 2002, p.145) concluíram que a estrutura do contexto físico estava relacionada com os tipos de atividade lúdica praticados pelas crianças com os pares e que surgiam formas mais elaboradas de brincar quando as crianças usavam a distribuição espacial da casa para estruturarem os seus jogos. Outros investigadores constataram que as interações entre pares são estimuladas pela existência de espaços pequenos e resguardados nas salas de atividades dos jardins de infância (Phyfe-perkins, 1980; Smith & Connolly, 1980 in Ladd G. e Coleman C., 2002, p.145).

2.4. Organização do tempo pedagógico

A proposta de atividades e de rotinas diárias da sala 3, que pode ser consultado em anexo (Anexo 2), admitiam um horário previsível (sólido e organizado), mas flexível o bastante para que se adaptasse às necessidades e interesses do grupo.

Para além da segurança e autonomia defendidas, por autores como Zabalza (1998, p.52) e Hohmann & Weikart (2004, p.225), como mais-valias de uma rotina diária sólida, Zabalza (1998, p.52)

dá às rotinas um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem.

Hohmann & Weykart (2004, p.224) complementam esta ideia ao mencionarem que a adequada apropriação da estrutura da rotina diária, permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas à “dimensão da criança” no contexto dos acontecimentos que vão surgindo.

Segundo Hohmann & Weykart (2004, p.225) a rotina diária também mantém um equilíbrio entre limites e liberdades das crianças, através da sua estrutura e dos seus limites claros e apropriados, dentro dos quais elas se sentem livres para desenvolver as suas próprias formas de fazer as coisas (idem).

Neste sentido, a rotina diária estava organizada por etapas do dia, adaptada aos ritmos naturais e temperamentos das crianças. O período da manhã era dedicado às atividades orientadas pela educadora, seguindo-se as atividades nas áreas. Estas atividades decorriam após um momento prévio de conversa em grande grupo, no qual se efetuava a marcação de presenças, conta-se novidades e combina-se as atividades do dia de acordo com a planificação e /ou interesses do grupo. O período da tarde dava-se com diálogo em grande grupo e, em seguida, as crianças organizavam-se em dois pequenos grupos: um de trabalho e outro para as atividades nas áreas. Posteriormente, realizava-se a reflexão do dia, na qual se relembram as atividades realizadas de modo a consolidar alguns conhecimentos e as crianças faziam a sua autoavaliação oralmente. Antes do almoço e lanche, as crianças realizavam o momento de higiene.

Em síntese, a rotina pedagógica oferecia uma grande diversidade de períodos de aprendizagem, proporcionando uma grande riqueza de experiências e interações, que passavam de um tempo para outro de forma articulada e impercetível.

CAPÍTULO III – PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICO

3. Plano geral e desenvolvimento da intervenção pedagógica

O presente tópico tem como objetivo caracterizar o Projeto de Intervenção Pedagógico. Será, por isso, descrita, a metodologia de investigação contextualizada no desenvolvimento do Projeto e, ainda os instrumentos de recolha de informação utilizados. Em seguida justificar-se-ão e apresentar-se-ão os objetivos do Projeto de intervenção, descrevendo e analisando um conjunto de atividades representativas dos processos desenvolvidos. Em jeito de conclusão será feita uma reflexão e avaliação do Projeto de Intervenção Pedagógico.

3.1. Metodologia de investigação

O papel do educador de infância, caracteriza-se pela sua intencionalidade educativa que provem das suas reflexões sobre a prática pedagógica. E, esta “reflexão assenta num ciclo interativo – observar, planear, agir, avaliar – apoiado em diferentes formas de registo e de documentação, que permitem ao/à educador/a tomar decisões sobre a prática e adequá-la às características de cada criança, do grupo e do contexto social” (Silva, et all., 2016, p. 5).

“A investigação-ação tem como ponto de partida a identificação de um problema a resolver. Uma vez identificado o problema, é necessário um diagnóstico com o intuito de fazer uma descrição e explicação compreensiva da situação observada. Consequentemente existe uma procura de hipóteses de ação, ponderando-se soluções possíveis para elaborar um plano de ação. Esta metodologia tem, pois, como base a necessidade de intervir numa determinada situação com o objetivo de a melhorar, implicando, por isso, a investigação dessa mesma situação” (Máximo Esteves, 2008).

Bogdan e Biklen definem este conceito como a “recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais” (1994, p. 292).

Oliveira-Formosinho e Formosinho reforçam esta ideia, salientando que: “A investigação-ação parte do pressuposto de que o profissional é competente e capacitado para formular questões relevantes no âmbito da sua prática, para identificar objetivos a prosseguir e escolher as estratégias e metodologias apropriadas, para monitorizar tanto os processos como os resultados” (2008, pp. 9-10).

A investigação-ação é de carácter cíclico, que ajuda a organizar o processo e a desenvolver explicações da prática (Latorre, 2004). Esta prática pode ainda definir-se como sendo uma espiral autorreflexiva, “Que se inicia con una situación o problema práctico, se analiza y revisa el problema con

la finalidad de mejorar dicha situación, se implementa el plan o intervención a la vez que se observa, reflexiona, analiza e evalúa, para volver a replantear un nuevo ciclo” (Latorre, 2004, p. 39).

Latorre (2004) diz-nos que a elaboração de um projeto de investigação-ação pode desenvolver-se em torno das seguintes fases: Identificação inicial de um problema, tema ou assunto a investigar; Elaboração de um plano estratégico de ação, controle do seu percurso, incidência, consequências e resultados do seu desenvolvimento; Refletir criticamente sobre o que aconteceu, para tentar elaborar uma teoria situacional e pessoal de todo o processo.

Em síntese, entende-se que a investigação-ação se baseia na “colaboração empenhada e da avaliação reflexiva, crítica e sistemática” (Esteves, 2008, p.20) sobre a ação, com o objetivo de a aperfeiçoar. Pretende-se assim, com a elaboração do Projeto de Intervenção, dar resposta às problemáticas e desafios presentes em contexto, procurando a constante reflexão, planeamento e ação pedagógicos.

3.2. Instrumentos de recolha de informação para a avaliação do Projeto de intervenção

Segundo as Orientações Curriculares para o Pré-escolar “A avaliação na educação pré-escolar é reinvestida na ação educativa, sendo uma avaliação para a aprendizagem e não da aprendizagem. É, assim, uma avaliação formativa por vezes também designada como “formadora”, pois refere-se a uma construção participada de sentido, que é, simultaneamente, uma estratégia de formação das crianças, do/a educador/a e, ainda, de outros intervenientes no processo educativo. Esta perspetiva de avaliação contextualizada (baseada em registos de observação e recolha de documentos situados no contexto), significativa e realizada ao longo do tempo, em situações reais, é também designada “avaliação autêntica” ou “avaliação alternativa”. (Silva, et al., 2016, p. 16).

Neste sentido, durante o Projeto de Intervenção procurou-se selecionar, mediante uma ampla variedade de instrumentos e de tipos de registos, os que melhor se adequavam ao grupo e às intenções educativas objetivadas. Assim, com a intencionalidade de observar, analisar e avaliar as relações sociais estabelecidas na sala e a sua evolução, foi priorizada a realização de observações diretas da interação social entre as crianças e adultos.

Pensei ainda recorrer aos indicadores chave de desenvolvimento (KDI's) do modelo High Scope e ao documento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

O conteúdo educacional dos programas HighScope para crianças do pré-escolar é construído em torno de 58 indicadores-chave de desenvolvimento (KDIs). Os KDIs são marcos de desenvolvimento que

orientam os educadores à medida que planeiam experiências de aprendizagem e interação com as crianças para ajudar o seu desenvolvimento.

Cada KDI é uma informação que identifica um comportamento observável da criança refletindo conhecimentos e competências nas áreas de abordagens à aprendizagem; desenvolvimento social e emocional; desenvolvimento físico e saúde; linguagem, literacia e comunicação; Matemática; artes criativas; ciências e tecnologias; estudos sociais.

Sendo assim, com o propósito de documentar os processos educativos desenvolvidos, foram efetuadas observações intencionais e participadas, usando os seguintes formatos de registo narrativos: registo de incidentes críticos, contínuos e descrições diárias (diário de bordo).

Destaco que para esta documentação, também foram importantes as transcrições das verbalizações das crianças de forma a comprovar as suas aprendizagens, interesses e curiosidades e foram ainda utilizados registos fotográficos para documentar momentos e aspetos importantes no desenvolvimento deste projeto.

3.3. Justificação e objetivos do Projeto de Intervenção

O projeto de intervenção pedagógico apresentado nasce a partir de uma série de observações realizadas nas primeiras semanas em contexto. Assim, estão subjacentes o interesse e o prazer manifestados pelas crianças ao realizarem atividades de integração a utilização de materiais e instrumentos relacionados com a área das artes visuais e, também pelo facto de, frequentemente, esta ser procurada durante o ciclo planear-fazer.

Sendo a cidade da Maia conhecida pelo seu trabalho na área da sustentabilidade e proteção do ambiente, com a minha entrada no contexto de estágio a minha expectativa era a de encontrar um estabelecimento mais conectado com este tema. Porém, apesar de existirem ecopontos nas instalações estes eram apenas utilizados pelos adultos. Existiam ainda dois caixotes alusivos aos ecoponto azul e amarelo no exterior de cada sala de pré-escolar, contudo estes não eram encarados como tal sendo muitas das vezes encontrados com o lixo misturado.

Em conversa com a professora supervisora surgiu a ideia de desenvolver uma educação sustentável de forma a sensibilizar as crianças e consequentemente os adultos a melhorar o nosso mundo para um futuro sustentável.

Juntando o prazer que as crianças sentem na realização de atividades relacionadas com artes visuais á promoção de uma educação mais sustentável nasce então o projeto de intervenção “A reciclagem e as Artes Visuais na educação pré-escolar”.

Foi deste modo, articulando estas duas valências, as artes visuais e a educação sustentável, que trabalhei e foquei a minha ação no decorrer destas 16 semanas em estágio. Para que as crianças pudessem ser livres, pudessem desfrutar das sensações que lhes eram proporcionadas através da manipulação e exploração dos vários materiais, sensibilizando para um maior cuidado, um olhar mais atento da natureza de forma a que todos juntos possamos ajudar e melhorar o nosso ambiente.

Perante o que foi dito, foram desenvolvidos objetivos de ação pedagógica, que tinham como principal propósito oferecer às crianças oportunidades de aprendizagem significativas, tais como:

- Explorar novas técnicas e materiais;
- Desenvolvimento da criatividade e imaginação;
- Possibilitar às crianças o contacto com reproduções de obras de arte nomeadamente obras de artistas que trabalham a reutilização de materiais;
- Colaborar nos processos de aquisição do conhecimento, desenvolver a sensibilidade estética;
- Desenvolver a criatividade e a imaginação;
- Promover a sociabilidade e gosto artístico das crianças;
- Desenvolver atividades que impliquem a mistura de tintas, a moldagem, a colagem, a reutilização de materiais;
- Promover a reciclagem no contexto pré-escolar através das artes visuais;
- Dar a conhecer às crianças os vários efeitos e as várias utilizações que podem ter os diversos materiais;
- Avaliar a importância do ambiente para os seres humanos, valorizando atitudes de respeito e de cuidado;
- Promover o desenvolvimento de uma educação sustentável;
- Motivar as crianças para a conservação dos espaços exteriores e interiores;
- Sensibilizar as crianças para a reciclagem e reutilização de materiais através de situações reais do quotidiano;

3.4. Estratégias de intervenção

Ao longo do desenvolvimento do projeto de intervenção foram propostas várias atividades, que tinham como base as Artes Visuais e, que permitiram atingir os objetivos propostos anteriormente como o desenvolvimento da sensibilidade estética, a expressividade e a criatividade e ainda a promoção de uma educação sustentável.

Para tal promoveu-se estrategicamente o desenvolvimento de uma educação ambiental através de contos de literatura para a infância, a audição de músicas, a realização de jogos didáticos que sensibilizassem as crianças e ainda a utilização de materiais e técnicas que chamassem a atenção das crianças sem esquecer a apresentação de materiais reutilizáveis como sendo o pilar de técnicas para a realização e produção artística. “Pode ainda ser utilizado outro tipo de materiais de uso utilitário ou reutilizáveis (tecidos, cartão, objetos naturais, papéis diversos, latas, fios, embalagens, algodão, elementos da natureza, etc.), para serem integrados e redefinidos a partir de novas funcionalidades e significados, o que permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis.” (Silva, et al., 2016, p. 49).

Foram ainda utilizadas estratégias de questionamento com as crianças que tinham como objetivo promover a reflexão, os modos de pensar e de ver a realidade, incentivando à procura de várias alternativas de forma a achar a melhor solução.

Destaca-se ainda, que o apoio do adulto foi visto como imprescindível não só no desenvolvimento das experiências e atividades realizadas, mas também para que a educação ambiental fosse promovida através do diálogo constante entre as crianças.

“O apoio do/a educador/a passa por um diálogo aberto e construtivo, que incentiva a criança a encontrar formas criativas de representar aquilo que pretende e promove simultaneamente o desejo de aperfeiçoar e melhorar.” (Silva, et al., 2016, p. 48)

3.5. Descrição e análise das intervenções no âmbito do Projeto Pedagógico

No âmbito do Projeto Pedagógico, foram desenvolvidas diversas atividades com o intuito de corresponder aos objetivos propostos anteriormente, bem como foram sugeridas atividades com base nos interesses e curiosidades que as crianças demonstraram ao longo do período de intervenção.

Segue-se então uma descrição das respetivas atividades desenvolvidas no decorrer do projeto de intervenção pedagógico.

3.5.1. “O meu ecoponto! Desenho, corte e colagem de ecopontos

Nesta primeira intervenção iniciei a minha ação questionando as crianças sobre o que sabiam acerca do ambiente, dos problemas existentes na natureza nascendo desta forma um brainstorming do tema.

Para iniciar o tema o R.F: nos não deitamos as coisas ao lixo e podemos fazer coisas novas com a reciclagem”.

Estagiária: e quando nos deitamos ao lixo alguma coisa podemos colocar o lixo onde?

Mag.: no caixote do lixo

R.S: nos caixotes verde, azul e amarelo

R.F: o amarelo é o mais comilão porque é o que come mais, come plástico e chama-se embalão. Os outros são o vidro e o papelão

Ben.: que é o do vidro e do papel e cartão

Estagiária: mas ainda existe outro caixote do lixo, sabem qual é?

Mat.: é o preto

Mag.: é o pilhão que é para a pilhas

Estagiária: o pilhão é para as pilhas M! muito bem! já nos estávamos a esquecer do pilhão. mas existe um que serve para colocar os restos de comida.

R.F: é o caixote preto!

R.S: ou castanho.

Estagiária: podem existir os dois ou em preto ou em castanho. Muito bem já vi que sabem muita coisa sobre a reciclagem, fico muito contente por ver que sabem como ajudar o nosso ambiente!

Em seguida apresentei um pequeno vídeo musical intitulado “Proteger o Planeta” o qual foi ouvido e posteriormente cantado em conjunto com a crianças uma vez que as mesmas pediram que repetisse a reprodução do vídeo de forma a poderem gesticular e cantar em conjunto.

Depois de ouvido o vídeo as crianças continuaram com os seus comentários sobre o ambiente e sobre alguns conceitos ambientais que surgiram no vídeo.

Ben.: a música diz que não devemos poluir.

Estagiária: e vocês sabem o que é poluir?

R.F: nos não podemos poluir, não deitar lixo para o mar ou para o chão.

Estagiária: exatamente poluir é sujar é deitar lixo para o chão ou para o mar coisa que não devemos fazer!

Ben.: nos não podemos poluir o planeta senão vai ficar cheio de lixo!

Estagiária: é mesmo isso B.! por isso é que é tão importante reciclar!

Depois desta breve reflexão sobre o vídeo, propus às crianças que desenhassem o ecoponto ou ecopontos que mais gostavam de representar e posteriormente sugeri que procurassem em revistas velhas, imagens de objetos do dia a dia cuja composição correspondesse ao ecoponto que cada um desenhou.

Seguem-se alguns exemplos das produções das crianças:



Fig.1 exemplos da produção de um embalão



Fig.2 produção de vários ecopontos



Fig.3 produção do embalão



Fig.4 produção de três ecopontos

Como é perceptível em algumas figuras, as produções das crianças não continham apenas o desenho do ecoponto que escolheram, mas também o respetivo nome de cada ecoponto. Isto acontece devido ao facto de estas crianças estarem a iniciar a produção da escrita e serem constantemente incentivadas para tal prática por parte da educadora. Por este motivo muitas das crianças, aquando o término das suas produções, questionaram-me se poderiam escrever o nome dos seus ecopontos, a qual obtiveram uma resposta muito positiva da minha parte uma vez que poderia contribuir para a sua literacia emergente.

À medida que me iam pedindo para escrever eu perguntava qual o nome do ecoponto ou dos ecopontos que cada criança desenhara e que tipo de material se destinava ao respetivo ecoponto de forma a consolidar as aprendizagens, escrevia o nome de cada ecoponto e deixava que cada criança reproduzisse as letras de cada palavra autonomamente.

No final da atividade refletimos todos sobre o que aprendemos com a mesma e relembramos a canção reproduzindo-a no momento da saída da sala para o recreio. Isto porque “As explorações e o diálogo entre crianças e com o/a educador/a sobre estes elementos visuais e a sua representação em diferentes formas visuais constituem meios de desenvolver a sua expressividade e sentido crítico. Este diálogo desperta na criança o desejo de querer ver mais e de descobrir novos elementos, potenciando o estabelecimento de relações entre as suas vivências e novos conhecimentos, levando-a a descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê” (Silva, et all, 2016, p.49).

Como futura profissional perante a minha reflexão pude perceber algumas das capacidades desenvolvidas pelas crianças, tais como a motricidade fina com o manuseamento de lápis e de tesouras, a sua capacidade de seleção uma vez que tiveram de selecionar as melhores imagens e as que se adequavam mais ao seu ecoponto, e ainda dar continuidade ao trabalho feito pela educadora no sentido de desenvolver a escrita e a linguagem oral através da iniciativa das crianças.

3.5.2. “Construção dos Ecopontos da Sala ABC”

Numa semana em que devido ao estado saúde débil da educadora eu trabalhei sozinha com as crianças contando sempre com a ajuda da auxiliar e das educadoras tive oportunidade de iniciar com o grupo a construção dos ecopontos da sala ABC.

A semana anterior terminou como sempre com a reflexão e o planeamento das atividades com as crianças. Foi assim realizada com o grupo uma pequena conversa acerca dos caixotes que existiam na instituição e como eram utilizados.

F.F.: na nossa escola temos o caixote azul e o amarelo

Ben.: porque o verde não temos porque é vidro e é perigosos para as crianças

Estagiária: exatamente na nossa escola não podemos trazer coisas de vidro porque se caírem ao chão ou partirem vocês podem-se cortar, é muito perigoso. E como não existe coisas feitas de vidro o vidro não é usado na nossa escola. Mas vocês já repararam como estão os ecopontos que vocês têm lá fora?

R.F.: o embalão e o papelão têm papel e plástico

Estagiária: eles realmente têm papel e plástico R, mas será que está tudo no sítio correto? Querem ir ver se esta tudo no ecoponto certo?

As crianças foram verificar os respetivos ecopontos no exterior da sala voltando para dentro da mesma logo de seguida.

Mag.: alguns papeis estavam no amarelo e também tinha plástico no azul

Ben.: está tudo misturado!

Estagiária: pois é meninos o lixo dos caixotes, dos ecopontos está todo misturado. Será que as pessoas não sabem qual é o sítio correto do lixo?

Alex: se calhar foram os meninos das outras salas que não sabem onde por o lixo.

Estagiária: então se calhar podemos criar uns caixotes especiais para mostrar as pessoas aos meninos das outras salas como reciclar o que me dizem?

Ben.: sim! Podemos recortar imagens dos materiais e colar nos caixotes

Estagiária: Boa ideia B!

R.F: podemos usar aqueles caixotes?! (apontando para as caixas que eu tinha trazido)

Estagiária: excelente ideia R! E como é que vamos saber qual é o embalão e qual é o papelão? As caixas são iguais

R.S: podemos pintar com amarelo e azul

Estagiária: então primeiro pintamos os caixotes certo? E deixamos secar.

Ben: e depois quando estiverem secos recortamos as imagens e colamos nos caixotes

Estagiária: então já temos o nosso plano para a construção dos nossos ecopontos?

T.: podíamos também escrever

Estagiária: escrever o quê T?

T: escrevemos papel e cartão no azul e depois plástico e metal no amarelo

Estagiária: olhem que boa ideia que teve o T! muito bem! Também é uma ajuda para as pessoas lerem e saberem que tipo de material esta no caixote!

A construção dos ecopontos foi então dividida em 3 fases ao longo de 3 dias. Iniciou-se com a pintura, seguindo-se do recorte e colagem das imagens dos materiais e, por último, a escrita das palavras dos respetivos materiais.

No primeiro dia, antes mesmo de dar início á 1ª fase o grupo foi dividido em duas equipas de forma a que cada equipa se responsabilizasse pela construção de um ecoponto. Como as crianças estavam indecisas entre qual dos ecopontos preferiam trabalhar uma das crianças do grupo sugeriu.

Ben.: e se fizéssemos o pim pam pum?

Estagiária: eu acho que podemos fazer melhor. E se escolhêssemos dois meninos para representar e escolher a própria equipa? Podemos escolher os meninos responsáveis de hoje e de ontem. Quem foi?

T.: ontem fui eu.

Ben.: hoje a responsável sou eu.

Estagiária: então vocês os dois podem escolher a vossa equipa

Depois de escolhidos todos os elementos das duas equipas, surgiu mais uma questão: “quem constrói o embalão e quem fica encarregue da construção do papelão?”

Bem: podemos fazer um jogo quem ganhar escolhe!

Estagiária: estão todos de acordo com a ideia da B?

Todos: sim!

O jogo sucedido tinha como objetivo colocar 4 objetos residuais no ecoponto correto no menor espaço de tempo possível. Quem terminasse primeiro e colocasse os objetos todos no sítio correto teria a oportunidade de escolher qual o ecoponto que a sua equipa iria construir. Desta forma foi incitado o espírito de competição articulado com o desenvolvimento das capacidades de resolução de problemas e o sentido de responsabilidade para cuidar do nosso planeta através da reciclagem.

Escolhidas as equipas e os respetivos ecopontos que estas iriam construir deu-se então início á efetiva pintura dos mesmos. As crianças de cada equipa distribuíram-se á volta das mesas de trabalho sendo posteriormente fornecidos pinceis e alguns recipientes com as devidas cores. Através das seguintes imagens podemos comprovar o empenho e dedicação do grupo ao longo da pintura dos ecopontos.



Fig.5 pintura dos ecopontos



Fig.6 pintura do embalão



Fig.7 finalização da pintura do papelão



Fig.8 trabalho de pintura do embalão

Este trabalho de pintura em dois grandes grupos, tornou-se essencial para as crianças na medida em que fomentou o seu espírito de equipa, desenvolveu as suas aptidões a nível motor e ainda permitiu o contacto com a tinta e a sua livre movimentação e expressão.

Depois de escolhida a equipa de iniciaria a construção do ecoponto deu-se início á pintura do caixote por parte das crianças, fomentando o contacto com a tinta, o espírito de equipa visto que todos tinham que trabalhar em conjunto para conseguir ter um bonito ecoponto, e ainda desenvolvendo a sua sensibilidade estética através do manuseamento do pincel trabalhando ainda a motricidade fina destas crianças.

A segunda fase da construção dos ecopontos deu-se no dia seguinte, já com os ecopontos devidamente secos.

Antes mesmo de dar início ao recorte e colagem de imagens uma das crianças trouxe o livro de contos intitulado “O Planeta limpo do Filipe Pinto” um livro de Educação Ambiental, com vários contos sobre o ambiente, contos esses que desafiam o pequeno leitor a conhecer a floresta e os seus habitantes, e percebendo desta forma o impacto negativo das más ações humanas na existência e na sobrevivência de todos os seres vivos. Foram apresentados os títulos de cada conto do livro dando ás crianças oportunidade de escolher um para ser lido e refletido em grupo. O conto escolhido foi “Ó Tito a reciclagem é para todos” e conta a história de uma doninha com problemas no seu habita que estava cheio de lixo. O objetivo do Filipe era fazer com que a doninha percebesse e “instalasse” no seu lar o sistema de reciclagem de forma a diminuir o lixo que tinha na floresta.

No fim do conto foi dada a oportunidade de refletir e comentar o que se sucedeu na história contada.

Ben.: a história diz que para salvar o planeta é preciso reciclar

T.: as coisas velhas quando vão para reciclar transformam-se em coisas novas

R.F: primeiro separamos e depois vai para reciclar

Ben.: por isso é que nos estamos a construir os nossos ecopontos para separar e reciclar

Ben.: e agora como nos temos revistas podemos depois por no nosso ecoponto azul

R.F: que grande ideia! As revistas são de papel por isso depois podemos por no papelão!

Cada criança procedeu então à procura de imagens em revistas, recortando e colando cerca de 4 imagens cada, porém não foi imposto um limite máximo cabendo a cada criança refletir e decidir se seria melhor recortar mais ou não. Algumas crianças recortavam 4 imagens e colavam-nas dando assim por terminado o seu trabalho como o F.F.

F.F: Silvia, já tenho uma, duas, três, quatro imagens. (contando os recortes por ele efetuados)

Estagiária: E não queres recortar mais F?

F.F: Não, acho que estas já chegam.

Estagiária: Muito bem F! Podes colar as imagens agora.

F.F: e depois já posso ir para as construções?

Estagiária: Sim, cumpriste o combinado e trabalhaste muito bem F mereces ir para as construções.

Tal como foi dito no capítulo correspondente à caracterização do grupo de crianças, neste grupo existe uma criança com diagnóstico de Asperger, do espectro do autismo. Este diagnóstico caracteriza-se por algumas limitações a nível comportamental, as crianças com este diagnóstico tendem a não dedicar muito tempo numa mesma tarefa necessitando, no caso de ser uma tarefa longa ou com várias fases, de pequenos intervalos. Para além disso, crianças com espectro do autismo precisam de uma sequencialização das tarefas devido à necessidade de rotinas e de previsibilidade. É fácil um educador levar um caminho de diferenciação ou exclusão quando se encontra perante uma criança com necessidades educativas especiais, mesmo que não seja propositado, porém, neste grupo, devido ao

trabalho contínuo feito com a educadora cooperante, esta criança é perfeitamente incluída nas rotinas diárias, conhecendo as regras e o funcionamento da sala dos 5 anos.

“A inclusão de todas as crianças implica a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada uma e atendam às suas diferenças, apoiando as suas aprendizagens e progressos. A interação e a cooperação entre crianças permitem que estas aprendam, não só com o/a educador/a, mas também umas com as outras. Esta perspetiva supõe que o planeamento realizado seja adaptado e diferenciado, em função do grupo e de acordo com características individuais, de modo a proporcionar a todas e a cada uma das crianças condições estimulantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem, promovendo em todas um sentido de segurança e autoestima.” (silva et. All, 2016, p.10)

Nas imagens que se seguem podemos ver o empenho das crianças durante esta tarefa.



Fig.9 embalagem com recortes de materiais feitos de plástico/metal

Fig.10 colagem de imagens de materiais de papel



Fig.11 papelão com imagens de materiais de papel e cartão

Nesta etapa da construção dos ecopontos foi-me permitido trabalhar ainda a motricidade através do recorte e colagem, a seleção de imagens e o sentido estético perguntando sempre o porque de a criança escolher aquela imagem e onde a colocaria.

Dando início á terceira etapa da construção dos ecopontos o objetivo da tarefa seria trabalhar a escrita e a literacia emergente através da reprodução das palavras relacionadas com cada ecoponto. Primeiramente foi feita uma revisão do que foi elaborado anteriormente.

Estagiária: o quê que já fizemos nos nossos ecopontos?

Ben.: primeiro pintamos de azul e de amarelo.

R.F: e depois encontramos imagens em revistas para colar

F.F: sim, aminha era a equipa do ecoponto amarelo. Eu coleí um, dois, três, quatro imagens de plástico (falando orgulhosamente do seu feito na etapa anterior)

Estagiária: exatamente F fizeste um ótimo trabalho. Aliás fizeram todos juntos! Trabalharam em equipa!

Mag.: e agora o que vamos fazer?

Estagiária: nos já falamos já planeamos. Vamos pensar com as nossas cabeças para nos lembrar-nos?

Todos olhavam uns para os outros e encolhiam os ombros questionando-se.

R.F: acho que nos esquecemos de guardar na cabeça.

Estagiária: então? O que vocês fizeram aqui? (apontando para vários objetos com etiquetas identificativas)

T: escrevemos o nome

Estagiária: exatamente aqui escreveram mesa, aqui, escreveram ferro, máquina de café e outras coisas.

R.F: já sei! Falta escrever o nome dos ecopontos!

Estagiária: Boa! Muito Bem R! (erguendo a mão de forma a parabeniza-lo com +5)

F.F: mas nos já sabemos o que é

Estagiária: sim F, mas quando vocês se forem embora para outra escola vêm para aqui outros meninos que se calhar não sabem o que é isto e para que serve

Ben.: e também para os pais poderem ler e saber não é Sílvia?

Estagiária: é exatamente isso B!

R.F: e nós ainda temos muito espaço e temos que ocupar o espaço todo!

Ben: Sílvia nos podemos escrever com letra de crescidos? (tomando iniciativa para desenvolver e praticar a sua escrita em manuscrito)

Estagiária: se vocês quiserem claro que podem, eu vou escrever das suas maneiras, letra de imprensa que vocês sabem todos e letra de crescidos que se chama manuscrito.

Procedeu-se então á escrita de palavras relacionadas com cada ecoponto. Cada criança escreveu uma palavra, umas em letra de imprensa outras em letra manuscrita, todas reproduzindo as letras que viam escritas por mim. Posteriormente recortavam as suas reproduções colando-as seguidamente num lugar do ecoponto á sua escolha.

R.F: Sílvia também podíamos por o nome no caixote lixo?

Estagiária: não percebi R qual caixote?

R.F: no da comida!

Ben.: neste, Sílvia! (erguendo o caixote do lixo preto comumente utilizado para colocar qualquer tipo de resíduos sem qualquer tipo de reciclagem)

Estagiária: vocês querem escrever palavras nesse também?

Todos: Sim!

Estagiária então já que foram vocês os dois a ter a ideia acho que podem ser vocês a escrever as palavras querem?

R.F: sim!

Ben.: Boa!

Olharam ambos, um para o outro, entusiasmados com a ideia que acabaram de ter.

Os ecopontos depois de finalizados tinham o seguinte aspeto:



Fig.13 Término do papelão



Fig.12 término do ecoponto amarelo



Fig.15 palavras do embalão



Fig.14 palavras em manuscrito do papelão

Concluída a construção dos ecopontos e de forma a refletir o que foi feito ao longo destes 3 dias foi feita uma leitura de um conto com recurso da internet. Tal conto é intitulado de “a menina reciclagem” e através do mesmo eram abordadas algumas das formas possíveis de ajudar o nosso ambiente, como reutilizar, reciclar e reduzir o lixo. Este conto chamou a atenção das crianças não só pelas imagens e questões trabalhadas, mas também devido ao facto de no final do mesmo existir uma frase que chamou a atenção do grupo “Trata do lixo, antes que o lixo trate de nós!”.

Estagiária: o que é que dizia a história da menina reciclagem??

Mag.: a menina vestia-se com as cores dos ecopontos

T: e tinha uma amiga que não gostava de reciclar

Estagiária: e o que fez a menina para a amiga gostar de reciclagem?

J.G: ela disse que era divertido reciclar e que ajudava o nosso planeta

Ben.: mas a amiga no inicia ainda não gostava e pensava que ela não queria brincar com ela

R.F: mas depois ela já gostava, no fim.

Bea.: a professora delas ensinou uma frase importante

Estagiária: e qual era essa frase?

Todos: trata do lixo antes que o lixo trate nos!

Esta atividade de construção dos ecopontos teve como objetivos explorar materiais os marcadores para a escrita, e ainda a técnica de recorte e colagem desenvolvendo a motricidade fina das crianças para além da literacia emergente através do contacto com palavras e a sua escrita.

3.5.3. “Cartaz – trata do lixo antes que o lixo trate de nós”

Na última semana do mês de janeiro em conversa com as crianças achamos por bem elaborar um cartaz com toda a informação apreendida acerca da reciclagem e das várias formas de tornar o nosso planeta mais sustentável.

Com a realização deste cartaz pretendíamos partilhar a tudo o que foi descoberto com a comunidade educativa, seja pais, educadores, auxiliares de ação educativa e todos os que visitassem a instituição. Como forma de reunir ideias para o cartaz realizou-se um brainstorming com as crianças.

Estagiária: vamos ver tudo o que aprendemos e tudo o que fizemos sobre o ambiente e sobre a reciclagem.

Bem: fizemos os ecopontos

Bea: ouvimos uma história que depois tinha aquela frase especial

Bem: e nos esquecemos de dizer á Carina (educadora cooperante)

Estagiária: eu sei que se esqueceram, mas no final do dia de hoje podemos todos dizer a frase que aprendemos á carina para ela também fique a saber e guarde na cabeça esta frase tão importante. E que mais fizemos?

R.F: aprendemos que os ecopontos servem para reciclar o lixo e fazer novas coisas

Bem: e para o planeta ficar limpo e não ter lixo

Estagiária: e se o planeta esta limpo nós ficamos como?

R.S: saudáveis e felizes

Alex: se o planeta estiver sujo morremos

Estagiária: exatamente se deixarmos o planeta sujo o ar o ambiente vai ficando pior as plantas vão desaparecer, a água também, e nos acabamos por não ter comida saudável e podemos também desaparecer. Por isso é que trouxemos este cartão para fazer o nosso cartaz.

Educadora: este cartão foi a mãe do J que trouxe do trabalho dela porque sabia que podíamos precisar para os nossos trabalhos. Porque se não o cartão ia para o lixo.

Estagiária: ao usarmos este cartão estamos a fazer o que? Sabem?

J.N: a reciclar

Estagiária: exatamente reciclar J! então nos aprendemos tudo isso reciclar, o que é que faz bem ao planeta e para nós, para não desaparecermos. Então com tudo isso que aprendemos o que será que podemos pôr no nosso cartaz?

Ben.: escrever?

Estagiária: escrever o que?

F.F: ecopontos!

Estagiária: e quais ecopontos vamos desenhar? São tantos!

R.F: o pilhão

Ben.: o papelão

L.M: o embalão

Mag.: o vidrão

Ben.: e os restos de comida!

Estagiária: quantos são no total?

Todos: cinco ecopontos!

Estagiária: então querem desenhar todos estes ecopontos?

R.F: sim, para todos os meninos que não sabem quais são os ecopontos para aprenderem!

Estagiária: exatamente R para podermos ensinar os meninos que ainda não sabem para que serve cada ecoponto! Muito bem!

Ben.: também podemos escrever o nome dos ecopontos.

Estagiária: boa ideia B, todos concordam?

Todos: sim!

R.F: também podemos pôr o planeta!

Estagiária: porque que vamos por o planeta sabem?

R.F: porque a reciclagem ajuda o planeta a ficar limpo

Estagiária: mas o planeta agora não esta limpo, pois não?

F.R: esta sujo!

Mag.: podemos por um planeta sujo e outro limpo

Estagiária: boa ideia Ma.! Mostramos que o planeta esta sujo, mas com a reciclagem pode ficar...

Todos: limpo!

Bea: podemos escrever aquela frase que aprendemos da história

R.F: e podemos pôr á beira do planeta terra

T: podemos pôr as coisas que os ecopontos comem!

Estagiária: boa ideia T. vocês concordam? Colar as imagens das coisas que cada ecoponto “come”?

Todos: sim!

Estagiária: e esta preenchido o nosso cartaz! Já temos muitas e boas ideias para a construção do cartaz!

Uma salva de palmas para todos os meninos que tiveram todos muitas ideias! (batendo todos palmas uns aos outros) querem então dizer a frase á carina?

Todos: Trata do lixo antes que o lixo trate de nós!

Procedemos então á elaboração do cartaz no dia seguinte distribuindo tarefas a diferentes grupos de crianças. Cinco crianças foram responsáveis pelo desenho e pintura dos ecopontos, uma escreveu o nome de cada ecoponto, duas desenharam e pintaram os planetas (o sujo e o limpo), três colaram

imagens do que cada ecoponto recicla e sete crianças ficaram responsáveis por escrever a frase “Trata do lixo antes que o lixo trate de nós!”.

No decorrer da atividade, tal como foi feito em todas as tarefas propostas, fui mantendo um diálogo com as crianças no sentido de as incentivar, de perceber qual a sua opinião acerca da tarefa, orientando e ajudando sempre no sentido de esclarecer as dúvidas que iam surgindo.

Esta proposta potencializou ainda que todas as crianças trabalhassem em equipa, utilizassem e percebessem que os materiais usados eram “amigos do ambiente” e reutilizados.

Na conclusão do cartaz o grupo teve oportunidade de ver o trabalho feito por eles exposto para todos os pais e adultos, transmitindo orgulho pelo seu próprio trabalho e pelo que tinham aprendido.

Fig.16 desenho e pintura dos ecopontos



Fig.17 elaboração dos planetas (sujo e limpo)



Fig.18 recorte das imagens dos materiais que os ecopontos “comem”



Fig. 19 e 20 escrita do nome dos ecopontos e da frase “trata do lixo antes que o lixo trate de nós”

Concluído o cartaz da sala dos 5 anos, o mesmo foi afixado com a seguinte aparência.



Fig.21 cartaz “trata do lixo antes que o lixo trate de nós”

3.5.4. Jogo – “Os melhores amigos do ambiente”

A última proposta realizada no âmbito do projeto de intervenção foi uma atividade diferente. Senti necessidade de realizar uma tarefa com uma vertente mais dinâmica, mais lúdica, tendo por base um jogo.

Esta ideia surgiu através de um diálogo com o grupo acerca de um conto trazido por uma criança, conto esse que se enquadrava no tema da reciclagem, intitulado “Sid Ciência – Vamos Reciclar!”. O conto abordava o tema do lixo e qual o seu destino quando sai das nossas casas explicando ainda as vantagens da reciclagem e como reciclar, contendo no final do conto um pequeno jogo de seleção onde as crianças tinham que determinar o ecoponto para onde iriam alguns materiais.

Aproveitando este pequeno exercício lembrei o grupo do jogo feito aquando a construção dos ecopontos sugerindo a realização de um jogo idêntico, apenas adaptando o mesmo para uma versão de jogo de estafetas incentivando assim as crianças para o trabalho em equipa.

Estagiária: lembram-se do conto que a M.A. trouxe sobre o Sid e a Reciclagem?

R.F: sim! Também tinha os ecopontos como os nossos e o Sid aprendeu sobre a reciclagem

Estagiária: exatamente! O que é que o Sid perguntava aos amigos lembram-se?

Ben.: ele perguntou qual era o lixo que eles tinham em casa.

Estagiária: exatamente! Eu ontem lembrei-me da história da M.A e pensei em mostrar-vos o lixo que eu tenho em minha casa querem ver?

F.F: o que?! Tanto lixo!

R.F: que saco não grande!

F.F: gigante!!

Todas as crianças olhavam admiradas de boca aberta para o saco cheio de resíduos que eu trouxera de casa dizendo “AAaahhh”.

Estagiária: eu pensei como nos temos aqui os nossos ecopontos vocês podiam ajudar-me a separar este lixo todo que me dizem?

Todos: nos ajudamos!

Estagiária: ate podíamos fazer um jogo como aquele que fizemos quando construímos os nossos ecopontos lembram-se?

F.F: sim! Foi o tomas que ganhou e escolheu ser da equipa amarela!

Estagiária: exatamente F.! vocês querem jogar esse jogo em equipa todos?

Todos: Sim!!!

Responderam com entusiasmo á proposta reagindo de diversas formas, seja com braços no ar, seja com pequenos pulos no lugar ou ate falando com o amigo do lado formando já a sua equipa. Depois de se fazerem duas equipas com o mesmo número de elementos seguimos todos para o refeitório pois era o lugar mais espaçoso para este tipo de atividade.

Procedi então á realização do jogo explicando como este se iria suceder. Cada equipa teria que no menor espaço de tempo colocar os resíduos no ecoponto correto, neste caso, se fosse uma garrafa de plástico a equipa teria que por a mesma no embalão, se fosse um rolo de papel teria que ser colocado no papelão. Tanto os elementos de uma equipa como de outra concluíram o jogo ficando empatadas visto que uma equipa acabou primeiro, mas com alguns erros na colocação dos materiais, já a outra foi mais lenta porem colocaram o lixo no sitio correto.

Como prémio foi dada a cada criança uma medalha (um círculo de cartolina pendurado num fio) a qual se encontrava incompleta, sem o nome da equipa ou da criança, apenas dizendo “melhores amigos do ambiente”.



Fig.22 medalhas incompletas “melhores amigos do ambiente”

Apesar de se mostrarem já entusiasmadas com o que tinham acabado de receber eu coloquei uma questão de forma a observarem com atenção as suas medalhas.

Estagiária: vou agora entregar a cada equipa a vossa medalha.

R.F: EÉÉÉ A MEDALHADA!

Mat: olha a nossa é amarela, tem um fio amarelo! (sorrindo mostrando orgulho e felicidade naquilo que acabou de receber).

F.R: o que é que diz aqui Sílvia?

Estagiária: a medalha que vocês têm tem algo escrito certo?

Todos: sim!

R.F: mas nos não sabemos o que diz

Estagiária: então vamos la pensar o que é que estivemos a fazer com todos os trabalhos que fizemos?

Os ecopontos, o cartaz, os nossos desejos e desenhos do nosso planeta...é para ajudar o que?

F.R: a reciclar?

R.S: ajudar o ambiente?

Estagiária: exatamente todos nós temos vindo a aprender como é que podemos ajudar o nosso ambiente o nosso planeta então isso quer dizer que somos amigos do ambiente certo?

Todos: sim!

Estagiária então é exatamente isso que esta escrito nos somos os “Melhores amigos do ambiente”

Todas as crianças de uma maneira ou de outra tentaram distinguir as palavras lendo as mesmas cada um á sua maneira.

L.M: pois é tem aqui um M melhor começa por M

Estagiária: exatamente melhor começa pela letra M! Mas vocês não acham que falta qualquer coisa na vossa medalha?

R.F: o nosso nome?

Estagiária: o vosso nome por exemplo, sim! Mas também podemos todos decorar a medalha ao nosso gosto o que dizem? Ate podem usar as cores dos ecopontos ou outra cor que quiserem.

Educadora: e que tal se carimbássemos as medalhas?

Todos: sim! Boa ideia!

O grupo dirigiu-se então de volta para a sala distribuindo-se todos pelos lugares livres de cada uma das três mesas disponíveis para assim procederem á carimbagem do seu dedo indicador na medalha que lhes foi dada no seguimento do jogo anteriormente descrito.

Algumas das crianças aceitaram e seguiram a sugestão que lhes foi feita acerca da escolha da cor para carimbar.

Estagiária: qual é a cor que vais querer carimbar a tua medalha J.N?

J.N: verde

Estagiária: sabes qual é o ecoponto que tem essa cor?

J.N: sim é o do vidro, o vidrão.

Estagiária: e tu, M.A?

M.A: eu quero castanho que é da cor do caixote dos restos da comida

Estagiária: muito bem já estão uns verdadeiros amigos do ambiente! E tu R? qual é a cor que vais escolher?

R: também vou escolher o castanho.

Estagiária: estou a ver que muitos meninos escolheram as cores dos ecopontos estou muito feliz as vossas medalhadas vão ficar todos muito bonitas!

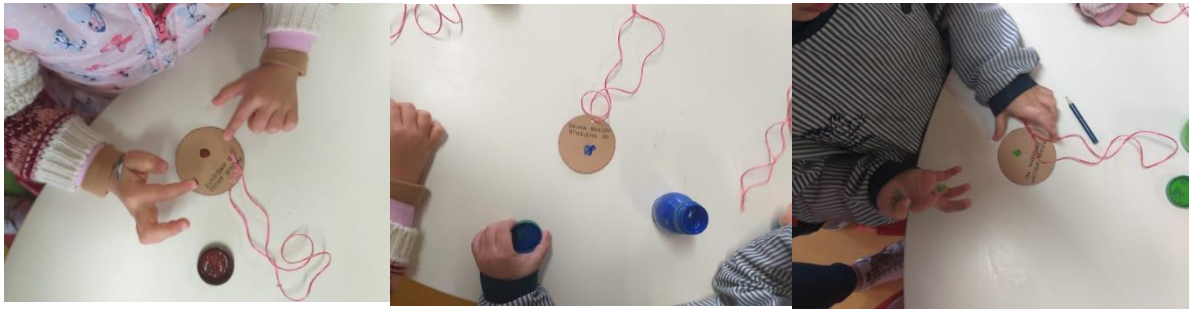


Fig.23 carimbagem das medalhadas com o dedo indicador

Foi assim, de uma maneira mais lúdica, que se procedeu á última atividade no âmbito do projeto de intervenção, desenvolvendo a interação entre pares, a competição e o espírito de equipa entre as crianças, incentivando também a separação de resíduos e a criatividade.



Fig.24 as crianças mostram as suas medalhas no fim do jogo

3.6. Reflexão e Avaliação do Projeto de intervenção

O Projeto Pedagógico de Intervenção “A reciclagem e as Artes Visuais na educação pré-escolar”, atingiu, sob o meu ponto de vista, os objetivos de ação pedagógica delineados, superando de forma positiva algumas expectativas iniciais.

Com este projeto desejava-se ampliar as experiências das crianças no âmbito das Artes Visuais e ainda aliar ao caráter integral destas, a promoção de uma educação sustentável do grupo. As atividades propostas ao grupo pressupunham múltiplas oportunidades de apreciação, de contacto e de criação através das variadas modalidades das Artes Visuais, assim como a experimentação de diversos materiais, instrumentos e técnicas, que proporcionassem o desenvolvimento da sensibilidade estética e da criatividade. Todos estes aspetos aliados às dinâmicas propostas, visavam promover uma educação sustentável e um maior respeito pelo ambiente através da reciclagem de materiais.

No decorrer do desenvolvimento do projeto, através de uma prática pedagógica baseada no ciclo observação, ação, reflexão e investigação, tive oportunidade de abordar as diferentes propostas de atividades mediante as curiosidades e interesses das crianças.

Todas as propostas tiveram principalmente o intuito de proporcionar experiências agradáveis, contínuas e interativas, que fossem ao encontro dos objetivos globais do projeto, mas que se ajustassem e respondessem às motivações das crianças.

Tal como é referido pelas OCEPE (2016), Observar e envolver-se no brincar das crianças, sem interferir nas suas iniciativas, permite ao/à educador/a conhecer melhor os seus interesses, encorajar e colocar desafios às suas explorações e descobertas. Esta observação possibilita-lhe ainda planear propostas que partindo dos interesses das crianças, os alarguem e aprofundem. Deste modo, a curiosidade e desejo de aprender da criança vão dando lugar a processos intencionais de exploração e compreensão da realidade, em que várias atividades se interligam com uma finalidade comum, através de projetos de aprendizagem progressivamente mais complexos. (p.11)

Foi por isso na base da observação, diálogo e reflexão que sustentei a avaliação do projeto de intervenção, complementado isto tudo com documentação fotográfica. Através da minha observação e diálogo com as crianças pude refletir e, conseqüentemente, perceber o grau de envolvimento e a participação de todos.

Segundo Read (2007), é necessário o aconselhamento, a orientação, seleção, crítica e análise das produções das crianças.

Foi com base neste pensamento que, através do diálogo e, recorrendo a questões que desenvolviam o seu pensamento crítico, a sua opinião sobre “o que fazer” e “como fazer”, se refletiu sobre a realidade partilhando ideias para tornar o ambiente mais sustentável. Foi então através do diálogo, nomeadamente do questionamento que se foi promovendo a reflexão e a procura de soluções para a resolução de problemas quer sejam eles, ambientais ou do quotidiano.

É de salientar que no que toca à resolução de problemas as crianças tendem a encontrar muitas vezes a solução para os seus problemas autonomamente, como por exemplo no decorrer da construção dos ecopontos surge a dificuldade em manter os caixotes no sítio sem se movimentarem devido à sua leveza. Confrontados com tal questão as crianças pediram um objeto pesado, neste caso pegando no recipiente de tinta e colocando-o no interior da caixa tornando-a mais pesada e impedindo assim uma movimentação constante.

Durante todas as atividades, no geral, as crianças mostravam entusiasmo como por exemplo aquando a proposta de atividade correspondente à construção dos ecopontos que seriam pintados com as respetivas cores, seguindo-se o recorte de imagens e a escrita e recorte de palavras correspondentes aos materiais que cada ecoponto reciclaria, todas as crianças mostraram grande entusiasmo e ansiedade para participar questionando-me sobre o tempo que faltava para poderem proceder à sua vez de ajudar a construir os ecopontos.

Era, assim, notório o envolvimento do grupo nas várias propostas realizadas, era reconhecível esta qualidade crescente, à medida que o projeto avançava, a sua concentração, a energia, a criatividade e postura ativa sempre com vontade de mais, mais experiências e “mais atividades divertidas”.

Neste sentido, pode-se afirmar que as crianças desenvolveram várias aprendizagens ao longo do projeto, pois apresentaram um envolvimento crescente e, segundo Laevers (1994) envolvimento é uma atividade da qualidade humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência e é caracterizada pela motivação, fascínio e implicação; abertura à estimulação e intensidade da experiência, quer ao nível sensorial quer ao nível cognitivo; grande satisfação e grande fluxo de energia ao nível físico e espiritual. É determinada pelo impulso exploratório e padrão individual das necessidades desenvolvimentais, esquemas fundamentais que refletem o atual nível desenvolvimental. (p.5).

As produções das crianças são ainda uma representação dos processos desenvolvidos e das aprendizagens construídas. De modo a promover a criatividade foram feitas propostas várias que também

desenvolveram a motricidade fina das crianças e deram a conhecer diversas técnicas para além de possibilitarem a exploração de vários materiais nomeadamente materiais reutilizáveis.

Todo este processo refletiu a prática educativa onde “o educador promove o envolvimento ou a implicação da criança ao criar um ambiente educativo em que esta dispõe de materiais diversificados que estimulam os seus interesses e curiosidade, bem como ao dar-lhe oportunidade de escolher como, com quê e com quem brincar. Assim, a criança desenvolve os seus interesses, toma decisões, resolve problemas, corre riscos e torna-se mais autónoma. Também, ao brincar, a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades.” (Silva et. all, 2016, p.11)

De forma a desenvolver todos estes aspetos foram promovidos o diálogo, a livre expressão das crianças e da sua vontade de partilhar com o grupo o que sabem, o que realizam e o que pensam sobre determinado assunto, neste caso em particular sobre o ambiente e como o preservar.

De igual modo, a exploração visual, através da leitura de contos possibilitou a promoção da literacia visual, a formação pessoal e social e ainda o conhecimento do mundo. Este facto deve-se aos desafios feitos às crianças de forma a explorarem as narrativas, partilhando as suas opiniões sobre os problemas existentes no ambiente e a melhor forma de o cuidar.

Foi através do diálogo informal, mesmo em situações de recreio ou abordando outras temáticas no grupo que se foi percebendo o impacto que este projeto teve nas crianças. A título de exemplo, no dia da paz e da não violência escolar a educadora cooperante propôs ao grupo que cada um dissesse o que era para ele a paz. Em resposta a esta pergunta algumas crianças disseram que para elas a paz seria cuidar do ambiente, não poluir ou até não deitar lixo para o mar ou para o chão. Uma outra situação já em contexto de recreio nos dias que se seguiram á construção dos ecopontos algumas crianças sentindo-se no dever de ser o exemplo para os mais novos, visto que eram as mais velhas e eram finalistas do pré-escolar, dirigiram-se a um grupo de crianças mais novas que estaria sujar o chão com lixo, chamaram-nos à atenção explicando que não o deviam fazer.

Este tipo de situações do quotidiano foram chamando a minha atenção, fazendo-me perceber que realmente este projeto estava a dar os seus frutos e a sensibilizar as crianças para o cuidado do ambiente tornando-o sustentável.

Um outro aspeto positivo do Projeto, prende-se com o facto de ter procurado mobilizar e articular várias áreas do conteúdo nas várias propostas feitas ao grupo. Representa-se assim esta abordagem holística de conteúdos que se interligam não podendo um existir sem os outros.

O desenvolvimento da criança processa-se como um todo, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto. Também a sua aprendizagem se realiza de forma própria, assumindo uma configuração holística, tanto na atribuição de sentidos em relação ao mundo que a rodeia, como na compreensão das relações que estabelece com os outros e na construção da sua identidade. (Silva et all, 2016, p.10)

Apesar de ter sido uma intervenção de curta duração, foram perceptíveis as vantagens de uma Educação pela Arte. As possibilidades várias de promover a criatividade e tornar a aprendizagem mais significativa, a sensibilização das crianças como consequência direta dessa mesma ação, alargaram assim a formação nas diversas áreas, tanto cognitiva, como afetiva.

Considerações finais

Nesta última fase do relatório de estágio, apresenta-se um balanço final de todo o projeto desenvolvido. Dar-se-á alguma relevância às limitações e dificuldades sentidas no decorrer do projeto, realizar-se-á uma reflexão das aprendizagens efetuadas para o desenvolvimento pessoal e profissional de forma a que num futuro próximo possa melhorar a minha prestação enquanto educadora de infância.

No que diz respeito ao Projeto de Intervenção desenvolvido, o mesmo possibilitou o alargamento das experiências das crianças no âmbito das Artes Visuais, em que se deu prioridade à promoção da expressividade, a criatividade e ao sentido estético articulando com aspetos de formação pessoal, social no sentido de proteger o que é nosso, o planeta. Destaca-se igualmente os momentos de diálogo e interação que permitiram a partilha de informação e a consciencialização de diversas perspetivas acerca de um mesmo tema, o ambiente.

No que concerne ao desenvolvimento de aptidões como possível futura educadora posso afirmar que apesar do reduzido tempo em contexto de estágio aliando-se ao facto de a educadora cooperante, devido a questões de saúde, se ter ausentado em algumas intervenções, isto permitiu-me desenvolver as minhas capacidades de gestão do grupo. Muitas vezes apenas com a presença da auxiliar de ação educativa vi surgir esta necessidade de atuar autonomamente e intervir a solo com o grupo dando continuidade ao que era feito pela educadora cooperante nos outros dias e alturas da rotina diária, respeitando e seguindo sempre o ritmo das crianças do grupo. Foi através desta ausência e da urgência em ter alguém que desse continuidade ao trabalho feito no grupo que vi desenvolvidas as minhas capacidades enquanto futura educadora visto que num futuro próximo o meu papel será esse mesmo o de gerir, intervir e decidir com as crianças a melhor forma de as educar de construir com elas aprendizagens significativas.

É, ainda relembrando várias situações vivenciadas com o grupo que reconheço realmente a criança como um ser ativo que tem todo o direito de ser escutada e compreendida pois tudo o que tem a dizer é claramente entendido por conhecimento e partilha do mesmo e como tal deve ser tido em consideração.

O reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades. (Silva et al, 2016, p.9)

A criança para aprender deve partilhar e participar nos processos de aprendizagem é uma forma de evoluir e de se desenvolver, não só a si própria como com os outros. É através da interação criança-criança e criança-adulto que se realiza esta evolução esta transformação dando assim sentido a toda esta prática pedagógica e o modo de ação que guia a minha prática, sendo esta a base da minha intencionalidade, incluir as crianças no processo educativo.

A intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem. Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar. (Silva et al, 2016, p.13)

Deste modo, saliento a importância da interação aliada a constante reflexão, ao questionamento da minha ação, tendo como objetivo o constante melhoramento da prática pedagógica. Em todo este processo tive como pilar o ciclo de observação, planificação, ação e avaliação o que exigiu uma profunda investigação de forma a articular as atividades e fundamentar as mesmas tendo sempre como objetivo satisfazer os interesses das crianças e alargar as suas experiências e aprendizagens significativas.

Planear e avaliar o processo educativo de acordo com o que o/a educador/a observa, regista e documenta sobre o grupo e cada criança, bem como sobre o seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante e promova aprendizagens significativas e diversificadas, que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades. (Silva et al, 2016, p.13)

Em jeito de conclusão, reafirmo que ainda tenho muito para aprender, para melhorar, mas estes são os procedimentos constantes de uma prática de qualidade profissional. Ao longo desta caminhada iniciada no primeiro dia em contexto de estágio haverá claramente constantes ajustamentos e adaptações da prática pedagógica. Sempre com base numa reflexão crítica do “eu” como profissional terei sempre como objetivo uma melhor prática pedagógica e o meu desenvolvimento tanto a nível pessoal como profissional sendo sempre a minha vontade oferecer uma educação de maior qualidade as crianças.

Referências bibliográficas

- Almeida, A. (2002). *Abordar o Ambiente na Infância*. Lisboa: Universidade Aberta
- Alves, F. L. (1998). *O conceito de Educação Ambiental*. In Carapeto, C. (org.), *Educação Ambiental*. Lisboa: Universidade Aberta
- Antunes, A. M. C., Cravidão, F. & Bahia, S. (2011). *Arte e Ambiente – Contributos para a Educação Ambiental*. In *Educação Ambiental e Gestão de Recursos*. Lisboa.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bourriaud, N. (2009). *Estética Relacional*. São Paulo: Martins.
- Calvet de Magalhães, M. M. (1960). *Educação pela Arte*. Lisboa: INSEA.
- Centro regional de informação das nações unidas, *17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030*, consultado em abril de 2019 em <https://www.unric.org/pt/17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>
- Dempsey, J., e Frost, J. (2002). *Contextos lúdicos na infância*, In Spodek (Ed.), *Manual de Investigação em educação de infância*, Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Dewey, J. (2010). *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eisner, E. E. (2008). *O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?* Currículo sem Fronteiras.
- Eisner, E. W. (2004). *El arte y la creación de la mente: El papel de las artes visuales en la transformación de la conciencia*. Barcelona: Paidós Ibérica, S.A.
- Fróis, J. P. (2000). *Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, Mary & Weikart, David P. (2004), *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Ladd, G. e Coleman, C. (2002). *As relações entre pares na infância: formas, características e funções*. In B. Spodek (Org.), *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Laevers, F. (1994) *The Leuven Involvement Scale for Young Children*. Bélgica: Universiteit Leuven.-
- Lopes, M. J. (2015). *Pioneiras da Educação pela Arte: Enfoques Biográficos sobre: Alice Gomes, Cecília Menano e Maria Manuela Valsassina*. Évora: Universidade de Évora.
- Silva, I., Marques, A., Maia, L. & Rosa, L. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. DGE.

- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME/DEB – NEPE
- National Art Education Association. (2017). *10 Lessons the Arts Teach* By Elliot Eisner. NAEA. Consultado em abril de 2019, em <https://www.arteducators.org/advocacy/articles/327-10-lessons-the-arts-teach-poster>.
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2008). Prefácio. Em L. Máximo-Esteves, *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Read, H. (1982). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70
- Read, H. (2007). *Educação pela Arte* (Título original: *Education through Art*, 1943). Lisboa: Edições 70.
- Roldão, M. (1995). *O estudo do meio no 1.º Ciclo: Fundamentos e estratégias* (1.ª ed.). Lisboa: Texto Editora
- Savater, F. (1997). *El valor de educar*. Barcelona: Ed. Ariel, 2ª ed., 1997
- Stevens, H. J., Hough, R. A., & Nurse, J. R. (2002). *A Influência dos Pais no Desenvolvimento e Educação das Crianças*. In B. Spodek, *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Teitelbaum A. (1978). *El papel de la educación ambiental en América Latina*. Organização das Nações Unidas para a Educação
- UNESCO (1998). *Declaração Mundial sobre Educação para todos: Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. Jomtien, Tailândia.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Brasil: Porto alegre, artmed.

Legislação consultada:

Lei n.º 46/1986, Diário da República, I Série, de 14 de outubro, n.º 237 - Lei de Bases do Sistema Educativo. Consultado em março de 2019, em <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34444975/view?q=lei+de+bases+do+sistema+educativo>.

Diário da República (1997). Lei Quadro da Educação Pré-Escolar, n.º 5/97 de 10 de fevereiro

Anexos

Anexo 1

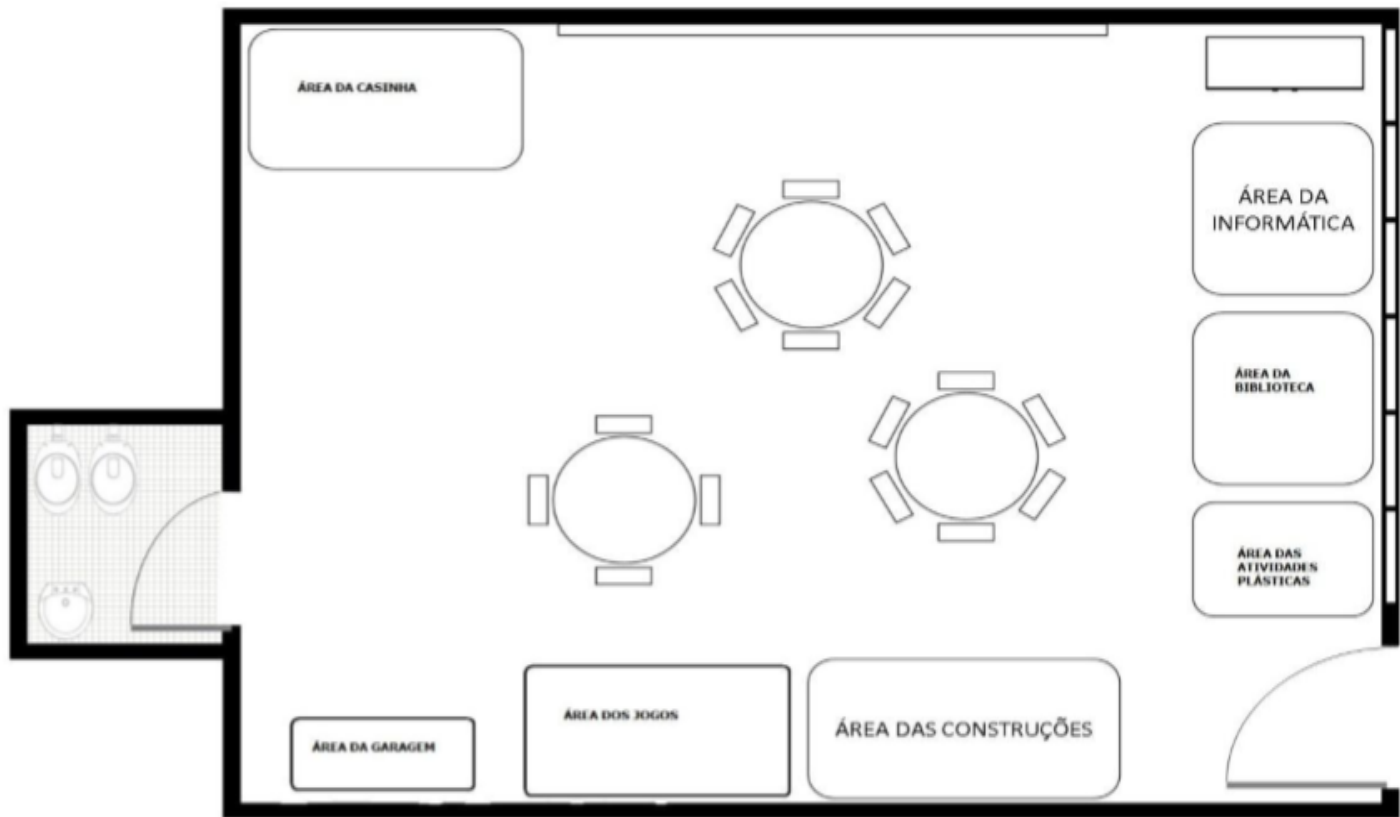


Fig. 25 esquema da planta da sala ABC

Anexo 2

Momentos de rotina	Horas
Abertura e Recepção das crianças	7.30 – 9.00
Entrada e reforço da manhã	9.00 – 9.15
Acolhimento	9.15 – 09.30
Atividade de grande grupo	9.30 – 10.00
Atividades orientadas/atividades espontâneas nas áreas de aprendizagem	10.00 – 11.00
Tempo de arrumação	11.15 – 11.30
Recreio Exterior	11.30 – 11.45
Higiene e preparação para o Almoço	11.45 – 12.00
Almoço	12.00 – 12.30
Recreio Exterior	12.30 – 13.15
Higiene	13.15 – 13.30
Atividades orientadas/atividades espontâneas nas áreas de aprendizagem	13.30 – 14.30
Tempo de Arrumação	14.30 – 14.45
Higiene	14.45 – 15.00
Balanço em conselho	15.00 – 15.30
Lanche	15.40 – 16.10
Atividades espontâneas no recreio/nas áreas de aprendizagem	16.00 – 17.15
Tempo de arrumar	17.15 – 17.30
Higiene	17.30 – 17.45
Reforço da Tarde	17.45 – 18.00
Atividades CAF	18.00 – 18.30
Encerramento do Estabelecimento	19.30

Fig. 26 Momentos da Rotina